



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

MATHEUS SOUZA FREITAS - Nº USP 10271691

**O UNIFORME DA NAÇÃO: A CAMISETA DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE
FUTEBOL E SUA RELAÇÃO COM A PERIFERIA, OS MOVIMENTOS DO
BOLSONARISMO E O *BRAZILCORE***

SÃO PAULO
2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

MATHEUS SOUZA FREITAS

**O UNIFORME DA NAÇÃO: A CAMISETA DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE
FUTEBOL E SUA RELAÇÃO COM A PERIFERIA, OS MOVIMENTOS DO
BOLSONARISMO E O *BRAZILCORE***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de
São Paulo para obtenção de título de Bacharelado
em Comunicação Social com Habilitação em
Publicidade e Propaganda.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Pompeu

SÃO PAULO
2023

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Freitas, Matheus Souza

O uniforme da nação: a camiseta da seleção brasileira de futebol e sua relação com a periferia, os movimentos do bolsonarismo e o brazilcore / Matheus Souza Freitas; orientador, Bruno Pompeu Marques Filho. - São Paulo, 2023.

88 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo /
Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.

Bibliografia

1. Camiseta da seleção brasileira. 2. Estética. 3. Futebol. 4. Periferia. 5. Política. I. Filho, Bruno Pompeu Marques. II. Título.

CDD 21.ed. -

302.2

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

MATHEUS SOUZA FREITAS

**O UNIFORME DA NAÇÃO: A CAMISETA DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE
FUTEBOL E SUA RELAÇÃO COM A PERIFERIA, OS MOVIMENTOS DO
BOLSONARISMO E O *BRAZILCORE***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de
São Paulo para obtenção de título de Bacharelado
em Comunicação Social com Habilitação em
Publicidade e Propaganda.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

SÃO PAULO

2023

AGRADECIMENTOS

Dentre os agradecimentos que desejo fazer, é essencial começar expressando minha profunda gratidão aos meus pais, tias, irmãs e prima. Eles foram verdadeiros alicerces, apoiando-me em meus sonhos mais audaciosos, sem jamais duvidar de meu potencial. Tal suporte emocional e encorajamento foram inestimáveis para mim. Faço questão de enaltecer minha mãe em particular, cujas lições de gentileza, amor e dedicação moldaram minha essência, assim como minha irmã Ana, cuja presença como companheira tem sido uma dádiva ao compartilhar as alegrias e desafios da vida.

Agradeço sinceramente a Natália, Wilck, Stefany e Ariane por nossa jornada juntos durante o ensino médio, onde sonhamos alto e vivemos momentos inesquecíveis. É uma alegria imensa ver o potencial de cada um se desabrochando. Saibam que estarei presente em todos os momentos possíveis, pois vocês são a razão de minha existência. Sou grato por ter vivido e aprendido com cada um de vocês, nos momentos bons e ruins.

Expresso minha gratidão à Escola de Comunicações e Artes e à Universidade de São Paulo pelos anos enriquecedores, tanto em termos acadêmicos quanto nas experiências vividas no campus. Cada vivência, desde festas animadas a apresentações musicais tocantes, foi marcada por uma significância singular.

Meus sinceros agradecimentos também se estendem à ECA Jr. e a todos os amigos que fiz nessa jornada. À Thaísa, sou grato por seu amor, liberdade e por ser minha referência e apoio na ECA. Você é alguém com quem posso compartilhar risos, desabafos e receber valiosos conselhos. À Giulia, expresso minha gratidão pela parceria constante, pelo amor e força que você traz à minha vida. Você é uma inspiração e seu amor é inestimável. Ao Felps, agradeço por sonhar junto comigo e por se permitir viver intensamente. Desejo viver muitas aventuras ao seu lado. Ao Fred, expresso minha gratidão pela maneira como você me acolhe e aceita, mesmo nos momentos de dificuldade. À Carmona, agradeço por termos encontrado um ponto em comum e por construirmos uma relação profunda e conectada. Ao Nayton, agradeço por nossa afinidade profunda e por ser uma fonte constante de inspiração. Obrigado por todas as experiências que compartilhamos e por me apresentar ao Rio de Janeiro.

À Mapê, agradeço por ser uma luz em momentos de escuridão, por florescer mesmo em tempos difíceis. Você é especial e o mundo precisa de você. À Ana Luiza, sou grato por me ensinar, mesmo sem intenção, a importância de arriscar e seguir em frente, mesmo quando as circunstâncias não parecem favoráveis. Sua personalidade única é algo que aprecio. Agradeço a Nagle por sua ousadia e rebeldia inspiradoras. Tenho certeza de que você fará grandes mudanças no mundo. À Thaila, agradeço por compartilhar um dos momentos mais memoráveis da minha vida. Sua admiração pela banda Twenty One Pilots é algo que nos une. Nathalia, Vanessa, Chapouto, Gorgueira e todos os outros membros da minha gestão, expresso minha gratidão pelos eventos, viagens e discussões que compartilhamos. Essas experiências contribuíram significativamente para o meu crescimento como ser humano.

Aos meus parceiros de sala de aula, João Lucas, Alessandra, Bruno Andrade, Raphael, Hirga, Blenda e Nalu, agradeço pelo companheirismo, pela colaboração nos trabalhos e pelas risadas compartilhadas. O apoio mútuo em todos os momentos é algo pelo qual sou grato.

Não posso deixar de expressar minha profunda gratidão ao movimento negro, cujo trabalho incansável contribui para a construção de um país mais justo e equitativo dia após dia. Assim como, para todos os filhos de empregadas domésticas e pedreiros que assim como eu souberam em algum momento que teriam um mundo inteiro para conquistar e lugares gigantescos para chegar.

Expresso a minha sincera gratidão à minha psicóloga, Júlia Rodrigues, pelo apoio constante ao longo de anos. Graças a você, revivi a minha capacidade sem fim de sonhar.

E por fim, agradeço o Brasil, ao amor e ao ódio, à dicotomia que sinto por este país lindo e culturalmente incrível, repleto de vida, mas com um passado excessivamente complicado e um presente constantemente complexo, que apesar de tudo, tem um povo que sabe transbordar vida e amor.

RESUMO

FREITAS, Matheus Souza. **O uniforme da nação: a camiseta da seleção brasileira de futebol e sua relação com a periferia, os movimentos do bolsonarismo e o *brazilcore*.** 2023. 87 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

O presente trabalho apresenta uma análise da camiseta da seleção brasileira de futebol como um objeto de significado complexo e multifacetado, ilustrando sua importância cultural em diversos contextos sociopolíticos do Brasil. Explora-se a história da camiseta e sua conexão com a ditadura militar e a construção da identidade nacionalista, seguido de uma investigação sobre as associações e significados adicionais manifestados em diferentes imagens, sob a perspectiva da estética periférica, do bolsonarismo e do movimento *brazilcore*. O estudo examina como a camiseta se transforma em veículo para expressar diversas agendas e ideias políticas, além de ser um símbolo de resistência na periferia brasileira.

Palavras-chave: Camiseta da seleção brasileira, Estética, Futebol, Periferia. Política, *Brazilcore*, Bolsonarismo, Ditadura, Identidade e Cultura.

ABSTRACT

FREITAS, Matheus Souza. **The uniform of the nation: the Brazilian football team's jersey and its relationship with the favelas, the movements of bolsonarism and the brazilcore.** 2023. 87 p. Dissertation - Bachelor Degree in Social Communication with Specialization in Publicity and Advertising, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

The present study provides an analysis of the Brazilian national team soccer jersey as an object of complex and multifaceted significance, illustrating its cultural importance in various socio-political contexts within Brazil. It explores the jersey's history and its connection to the military dictatorship and the construction of nationalist identity, followed by an investigation into the associations and meanings manifested in different images from the perspective of favela aesthetics, Bolsonarism, and the brazilcore movement. The study examines how the jersey transforms into a symbol for expressing various political agendas and ideas, also serving as a symbol of resistance in the Brazilian favelas.

Keywords: Brazilian national team jersey, Aesthetics, Football, Favela, Politics, Brazilcore, Bolsonarism, Dictatorship, Identity, and Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ilustração do primeiro uniforme da seleção brasileira.....	15
Figura 2: Fotografia da seleção brasileira no primeiro jogo da história.....	15
Figura 3: Imagem de desenhos feitos por Aldyr Schlee.....	24
Figura 4: Captura de tela de um gráfico sobre os valores de brasilidade.....	27
Figura 5: Imagem de divulgação da parceria das marcas Adidas e Balenciaga.....	35
Figura 6: Imagem de camiseta personalizada 1.....	37
Figura 7: Imagem de camiseta personalizada 2.....	37
Figura 9: Imagem de Pelé na copa de 1970.....	43
Figura 10: Imagem do estádio nomeado em homenagem ao presidente Médici....	44
Figura 11: Imagem de campanha da semana da pátria 1970.....	46
Figura 12: Imagem de rascunhos de cartazes do movimento Diretas Já 1.....	48
Figura 13: Imagem de rascunhos de cartazes do movimento Diretas Já 2.....	48
Figura 14: Imagem manifestações Caras Pintadas.....	49
Figura 15: Imagem das manifestações de junho de 2013 1.....	50
Figura 16: Imagem das manifestações de junho de 2013 2.....	50
Figura 17: Imagem de Anitta em apresentação no Coachella 2022.....	58
Figura 18: Imagem do palco da Anitta em apresentação no Coachella 2022.....	58
Figura 19: Captura de tela do vídeo da Nike para a Copa do Mundo de 2022.....	59
Figura 20 Imagem do cantor Djonga em show.....	59
Figura 21: Imagem da cantora Daniela Mercury em show.....	60
Figura 22: Imagem da cantora IZA em videoclipe.....	60
Figura 23: Imagem de corte de cabelo.....	65
Figura 24: Imagem de meninos em escada.....	65
Figura 25: Imagens da marca Piña 1.....	67
Figura 26: Imagens da marca Piña 2.....	67
Figura 27: Imagem de Jair Bolsonaro vestindo camiseta em campanha.....	70
Figura 28: Imagem de Jair Bolsonaro recebendo camiseta da seleção.....	70

Figura 29: Imagem de manifestação pró-Bolsonaro em 2018.....	71
Figura 30: Imagem de manifestação pró-Bolsonaro em 2022.....	71
Figura 31: Imagem de uma pessoa com cartaz colado nas costas.....	73
Figura 32: Imagem da modelo Hailey Bieber.....	75
Figura 33: Imagem da modelo Alex Consani.....	75
Figura 34: Imagem da celebridade digital Arthur Freixo.....	76
Figura 35: Imagem da celebridade digital Malu Borges.....	76

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. COMO O FUTEBOL SE TORNA UM SÍMBOLO DE BRASILIDADE.....	14
3. A CAMISETA DA SELEÇÃO COMO SÍMBOLO DE NAÇÃO.....	22
3.1. O conceito de nação.....	23
3.2. A significação da camiseta da seleção brasileira de futebol.....	24
3.3. Os valores da brasilidade.....	27
3.4. A influência do futebol na sociedade e na estética.....	29
3.4.1. Impacto do futebol na esfera social.....	29
3.4.2. O significado estético do futebol.....	33
3.5. A estética periférica.....	36
4. O SIGNIFICADO DO FUTEBOL NA ESFERA POLÍTICA.....	39
4.1. Futebol, economia e soft power.....	39
4.2. Símbolos de Brasil na ditadura.....	44
4.3. Jornadas de Junho.....	50
4.4. O surgimento do bolsonarismo.....	52
4.5. O surgimento da estética brazilcore e seu contexto histórico.....	55
5. ANÁLISE DE REPRESENTAÇÕES VISUAIS DA CAMISETA DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL.....	63
5.1 Seleção dos materiais e método de análise: uma abordagem ampla.....	63
5.2 Análise das imagens.....	64
5.2.1 Estética Periférica.....	64
5.2.2 Bolsonarismo.....	69
5.2.3 Brazilcore.....	74
5.3 O Brasil.....	77
5.4 A camiseta da seleção.....	79
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
7. REFERÊNCIAS.....	83

1. INTRODUÇÃO

A história do Brasil está intrinsecamente ligada à imagem e à simbologia da camiseta da Seleção Brasileira de Futebol. Desde a periferia até os corredores do poder, esse uniforme tem sido usado como um símbolo para representar e comunicar variadas ideias e movimentos sociais. Seja representando um sonho de ascensão social na periferia, ou como um emblema de movimentos políticos como as “Diretas Já” (1984), os “Caras-Pintadas” (1992), ou mais recentemente o bolsonarismo (2014), este uniforme tem estado no centro do palco sociocultural e político brasileiro. Além disso, temos o recente movimento estético chamado *brazilcore*, que busca ressignificar as cores da bandeira nacional, com um destaque na moda, e tem como objeto central a “amarelinha”.

Neste contexto, este trabalho tem como propósito explorar e compreender a simbologia da camiseta da Seleção Brasileira de Futebol, investigando suas raízes e relação com a representação de uma ideia de Brasil. O objetivo é entender como essas transformações simbólicas foram construídas e comunicadas ao longo do tempo, bem como o processo de significação e construção cultural da sociedade, a partir da análise do uniforme de um dos times mais relevantes da história do futebol mundial.

A questão principal que norteia este trabalho é: como a relação do futebol com a periferia, a construção do bolsonarismo e o movimento *brazilcore* se utilizam do uniforme da seleção brasileira para significar e ressignificar uma ideia simbólica de Brasil?

Assim, o objetivo geral é contextualizar o uso da camiseta da seleção brasileira de futebol como objeto de representação pela estética periférica, o movimento bolsonarista e a estética *brazilcore*. Especificamente, o trabalho pretende entender o processo de construção da camiseta da seleção brasileira como símbolo de identificação popular, correlacionar as mudanças de significado que foram atribuídas ao uniforme ao longo do tempo, explicar o poder, a importância, a simbologia e o valor imagético que o objeto pode carregar, e elucidar as razões do uso da camiseta da seleção brasileira de futebol para ocasiões que vão além do esporte.

Justificando as escolhas para este trabalho, o futebol possui um papel central na construção da sociedade brasileira. Por ser o país com mais títulos mundiais do

esporte mais popular do planeta, o futebol tem um impacto profundo na vida política, social e cultural do Brasil. A camiseta da seleção brasileira, portanto, representa muito mais do que apenas um uniforme esportivo: ela carrega em si as tradições e valores da nação perante o mundo e sua própria sociedade.

A metodologia adotada neste trabalho é a pesquisa exploratória, utilizando dados históricos e teorias sobre a estetização do mundo, formação de sociedades imaginadas e identidades culturais para analisar o fenômeno em questão. A pesquisa envolve o levantamento bibliográfico sobre o assunto, além de correlacionar a história do objeto de pesquisa (a significação da camiseta da seleção) com o objetivo de sua utilização nas ocasiões determinadas.

Este trabalho está dividido em três capítulos principais. O primeiro capítulo trata da relação do futebol com a brasiliade, a popularização do futebol no Brasil e sua importância na periferia e entre a população negra. O segundo capítulo discute a camiseta da seleção como um símbolo da nação, abordando temas como a definição de nação, os valores da brasiliade e o significado do futebol no contexto social e estético. O terceiro capítulo foca na relação entre futebol e política, discutindo sua conexão com a economia, o uso do uniforme durante a ditadura militar, as manifestações de junho de 2013, o bolsonarismo e o surgimento da estética *brazilcore*. Por fim, será feita uma análise de imagens que ajudem a corroborar os pontos discutidos ao longo do texto.

2. COMO O FUTEBOL SE TORNA UM SÍMBOLO DE BRASILIDADE

O futebol chegou ao Brasil nos últimos anos do século XIX. O violento esporte britânico (BELLROS, 2002, p. 1) rapidamente encontrou o seu lugar e se difundiu por todo o país, tornando-se o esporte com a maior comoção e apreço nacional. A posição de destaque que pouco antes era ocupada pelo remo, mas que soube muito bem se integrar com a nova modalidade, criando dentro dos seus times uma divisão para o futebol, como aconteceu com o Botafogo, Corinthians, Fluminense e Santos, por exemplo, demonstra a adaptação bem-sucedida desses clubes às demandas e popularidade crescente do futebol. Iniciando de maneira muito amadora entre as classes mais altas, o esporte começou a ganhar visibilidade e movimento nos primeiros anos do século XX. Com o aprimoramento da técnica e o aumento de sua popularidade, mais jogadores participavam e se tornaram parte de times que conquistavam cada vez mais notoriedade.

O eixo Rio-São Paulo era onde se concentrava a maior parte dos times, e consequentemente a maior parte das partidas. Quando aconteceram as primeiras disputas internacionais de times de futebol, não havia ainda um time nacional, mas um time composto por jogadores de times paulistas e fluminenses, e quem jogava eram times combinados dos dois estados, quando não um combinado dos times apenas do Rio de Janeiro. Nessa fase (1906-1913) foram jogadas partidas contra os times da África do Sul, Argentina, Chile e o combinado de Portugal, ocasiões todas sediadas no Brasil, entre o Velódromo em São Paulo, Laranjeiras no Rio e os dois últimos jogos foram realizados nos campos do Botafogo e do América.

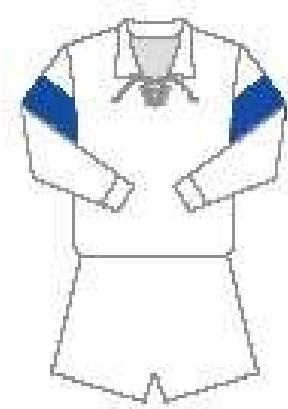
Em 1914, ano da fundação da Federação Brasileira de Sports, atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF), ocorreu a primeira partida da então Seleção Brasileira, composta pelos melhores jogadores do Rio de Janeiro e São Paulo. No Estádio das Laranjeiras, Rio de Janeiro, a Seleção Brasileira derrotou a equipe inglesa Exeter City por 2 a 0 e contou com uma audiência de 4 mil espectadores. Desta forma, é notável o quanto expressivo o futebol vinha se tornando e como foi ficando cada vez mais difícil lutar contra ele, como comentou Mário Filho no seu livro “O negro no futebol brasileiro” de 1964.

Era inútil lutar contra o futebol, que tomara conta de tudo. Até os jornais, antes tão sumiticos com o futebol. Já abriam páginas para os *matches*,

chegavam a contar gente nas arquibancadas: cinco mil pessoas assistiram o *meeting* de ontem. (RODRIGUES FILHO, Mário, 1964, p. 41)

Figura 1 (à esquerda): Ilustração do primeiro uniforme da seleção brasileira

Figura 2 (à direita): Fotografia da seleção brasileira no primeiro jogo da história



Fonte: <www.campeoesdofutebol.com.br e www.espn.com.br> acesso em 05/10/2022

Os torcedores se multiplicavam cada vez mais e as arquibancadas não paravam de crescer. As partidas dos times do Botafogo, Fluminense e Flamengo no Rio de Janeiro eram muito esperadas e geravam sempre muita comoção. Famílias inteiras assistiam os jogos, que se tornaram até mesmo o local oficial de flerte dos jogadores com as moças da arquibancada, que com charme e jeitinho transformaram as partidas em algo muito mais que elas mesmo, o que antes era um simples jogo virou comemoração, festa e consequentemente parte da cultura, e assim, a palavra do futebol se espalhou por todo o país.

Os mais ricos se apaixonaram pelo esporte, e o que começou com os adultos foi crescendo entre os jovens, todos de alta classe, pois, além de uma bola boa ser cara, naquela época todas importadas da Europa, o esporte ainda era *hobby* e pouco havia se desvinculado das práticas inglesas, apoiadas de um pressuposto requinte e pedantismo branco. No Rio, a arquibancada era a varanda dos casarões, e jogar futebol, apesar de não ser tão bem visto como o remo, ainda era um esporte exclusivo da elite. Pretos não eram bem vindos, e participavam raramente em times secundários formados em fábricas, mas ainda assim tentando se esconder, usando pó no rosto, passando gel no cabelo crespo para que pudessem, visualmente e esteticamente pertencer, como foi o caso de Carlos Alberto, do Fluminense, que cuidadosamente enchia a cara de pó de arroz (FILHO, 1964, p. 43). Eles não

dominavam o método ou o conhecimento daqueles que aprenderam com técnicos ingleses, mas conforme o futebol foi se moldando ao Brasil, o país fez o mesmo e foi se moldando ao futebol e os times ganhando cada vez mais notoriedade.

Apesar de já tamanha popularidade, o caminho para que o futebol virasse o que é hoje não foi linear, e precisou antes romper barreiras sociais para chegar no local onde está hoje. Apesar de ser um passatempo para ricos, não se precisava dos barcos ou todos os outros caros utensílios que o remo demandava, com muito menos e de forma até mesmo improvisada se praticava o futebol. Dessa forma, o esporte foi se democratizando, penetrando diversas classes sociais, tornando-se gradualmente a paixão nacional como se conhece hoje em dia.

As crianças mais pobres que pulavam os muros para assistir às partidas, agora faziam bolas de meia para jogar nas ruas e ensaiavam minuciosamente o que viam os jogadores fazendo. Quando não sabiam, elas improvisavam. Esse futebol mais solto só teve lugar quando a primeira geração de jogadores começou a perder espaço para os mais jovens e cheio de vitalidade, para quem o futebol era festa, figurativa e literalmente. E com um estilo de jogo mais solto e leve em comparação aos jogadores mais velhos, a criatividade foi tomando conta dos campos.

Cada vez mais, Brasil afora, o futebol ia se tornando um símbolo que gerava a união entre grupos identitários, com cada um torcendo para um dos clubes da sua cidade e cada pessoa tendo que escolher seu próprio time para acompanhar os jogos, comprar camisas e quando podiam, colocar fitinhas em seus chapéus, identificação que mostrava ao porteiro quem ia assistir a partida da arquibancada e quem ia ver da pista geral (FILHO, 1964, p. 20), gradualmente esse cenário colaborou em criar hábitos e rotinas para integrar o futebol como parte cultural essencial do país.

Mas, além da plateia e das cerimônias que envolviam o esporte, a primeira geração dos jogadores que tinham futebol como *hobby*, viraram advogados, médicos e políticos, os mesmos que o trouxeram para o Brasil, que aplicaram as regras e criaram os campos. Com isso, se extrapola o campo prático, e pode-se ver o futebol se mesclando com o campo ideológico e cultural, mas também com as esferas políticas.

Durante os anos 1930 a 1945, o então presidente Getúlio Vargas tinha como um de seus planos para a nação criar um ideário nacional do povo, um plano ideológico e político que unisse todos os povos do país, corroborando com uma

ideia de sucesso pelo mito das três raças, como defendia Gilberto Freyre. Ele utilizou a copa de 1938 para tentar explicitar ao mundo um novo Brasil, pautado na ordem, disciplina e civilidade, como comenta Marcus Pereira no seu artigo:

Buscava construir uma boa imagem do país no estrangeiro, onde o projeto político-ideológico varguista de ordem, disciplina e civilidade virasse a maneira de ver o país, que era ainda relativamente pouco conhecido em âmbitos mundiais. (PEREIRA, 2020)

A utilização da Copa de 1938 como exemplo de modelo era também resultado de uma série de ações que tentavam colocar o Brasil sobre o seu controle, em que Getúlio Vargas, como comenta Agnaldo Kupper na sua tese “O futebol brasileiro como instrumento de identidade”: “[...] conteve mobilizações promovidas pelos trabalhadores ao enquadrar tanto a classe operária quanto a burguesia industrial sob seu controle;” e para conseguir tal feito:

[...] um dos elementos utilizados foi o futebol que, além de instrumento de desmobilização política, serviu à edificação de certa identidade nacional, em pleno período do Estado Novo (1937-1945). (KUPPER, 2018 , p. 219)

Um dos primeiros passos para a construção dessa nação futebolística foi criar uma legislação que reconhecia, assim como os países vizinhos da América do Sul vinham fazendo, o futebol como uma profissão. O que teve um grande impacto, principalmente dentro da comunidade preta brasileira, pois em 1933, ano em que futebol tornou-se profissional formalmente, faziam apenas 45 anos desde a abolição da escravidão no Brasil. Nesse momento, diversos jogadores que já tentavam ganhar a vida com as bonificações que recebiam do esporte, os famosos bichos, como ficaram conhecidos, prêmios dados aos jogadores em caso de vitória de jogos ou de campeonatos, configurando o chamado "profissionalismo marrom" (PEREIRA, 2020), poderiam transformar isso em uma profissão, e pela primeira vez em muito tempo a ideia da ascensão social do povo preto se via possível pelo futebol, característica que pode-se ver até os dias de hoje presente nas favelas e periferias brasileiras, quase um século após a decretação a profissionalização do esporte.

Vargas implantou em diversas escolas do país a obrigatoriedade de aulas de educação física para defender seu projeto, espalhou a prática do esporte para tentar então de uma maneira *top-down* delimitar os valores da população. Para auxiliar na sua meta, tentou criar um ídolo nacional que fosse modelo para o povo, Leônidas da Silva, um jogador carioca que passou por diversos times do Brasil, porém, Leônidas

era o oposto do que o governo tentava promover, o que mostrou que apesar das diversas tentativas de impor uma conduta nacional que perpassasse principalmente entre as classes mais baixas, com uma moral estrita, o povo brasileiro também tinha seus anseios e uma moral que não se contentava com a ordem e disciplina de Getúlio, mas sim com o espírito livre e rebelde de Leônidas, o que de outra forma, também gerou uma identidade nacional, a do esporte como resistência.

A população mais carente do Brasil não servia como mera massa de manobra do Governo Vargas. Ela tinha anseios, buscava atender suas necessidades e não devem ser encaradas como passivas as exigências e imposições estatais, sabendo-os também “jogar o jogo” do momento histórico vivido. (PEREIRA, 2020)

Leônidas era chamado de Diamante Negro, um jogador que tinha a capacidade de mobilizar massas, e assim foi chamado pelo governo Vargas. Mas o que se provou com as tentativas de seu governo de criar uma identidade brasileira, muito pautada em utilizar o esporte como o meio principal para essa manobra, foi que apesar de conseguir sim, o apoio das massas em diversos aspectos, existiram diversas reinterpretações do que ele tentava com tanta veemência instaurar, que o povo não era “amorfo” como comenta Marcus em dos trechos finais de seu artigo:

Sabendo da tentativa de buscar junto a eles uma legitimidade para as ações tomadas, a população brasileira soube se adequar e também modificar o discurso vindo de cima e Leônidas surge como membro dessa classe descontente e que não era amorfa: os discursos nunca são um bloco monolítico que vem de cima e se cristaliza entre as massas. (2020)

Com isso, pode-se entender que houve um plano estatal e diretrizes governamentais que tentaram colocar o futebol como um elemento central de controle de massas, até mesmo com o intenção de transformar o esporte em um hiperespetáculo com massivas divulgações, como comenta Lipovetsky (2015, p.180), mas apesar disso, não é apenas o futebol que desta forma moldaria o Brasil, como era a intenção de Getúlio, mas o Brasil também adaptaria o futebol para que ele representasse os anseios do povo, ao ponto que grandes ídolos, e figuras extremamente importantes do futebol, carregassem na similaridade de suas histórias a construção de uma história do Brasil por uma visão social a um recorte futebolístico.

O futebol se desenvolveu quase como uma instituição dentro do Brasil, Gilberto Freyre no prefácio do Livro *O negro no futebol brasileiro* de Mário Filho,

disse que era natural que tomasse aqui o caráter particularmente brasileiro que tomou, e que além disso, o esporte tornou-se meio de expressão, moral e socialmente aprovado pela nossa gente, governo, igreja e opinião pública. Dito isso, com atuação em tantas esferas, significando tanta coisa para as mais diversas pessoas, é imprescindível que o futebol como instituição seja parte suma nos movimentos de identificação e identidade nacional tanto para os brasileiros, como em uma visão externa do mundo perante o Brasil.

A concepção de identidade nacional é um fenômeno que se alimenta de várias fontes, incluindo símbolos culturais, discursos históricos e práticas sociais como o esporte. Benedict Anderson, em seu trabalho "Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo" (1983), aborda a forma como nações são criadas através do imaginário coletivo de seus cidadãos. Segundo Anderson, uma nação é uma "comunidade política imaginada" – um grupo de pessoas que se veem como parte de um coletivo maior apesar de nunca poderem se conhecer completamente.

Essa construção de uma identidade nacional é, em grande medida, apoiada e perpetuada através do uso de símbolos. Eles têm o poder de evocar sentimentos de pertencimento, promover uma conexão emocional com a nação e, assim, reforçar a ideia de uma identidade nacional comum. As bandeiras, os hinos nacionais, e, no caso brasileiro, a camiseta da seleção de futebol, são exemplos de como os símbolos podem ser usados para incutir e expressar tal identidade.

O esporte, em particular, desempenha um papel crucial nesse processo. A capacidade do esporte, especialmente o futebol, de galvanizar a paixão nacional e reforçar o senso de identidade é bem documentada. É em torno de times e seleções nacionais que as pessoas se reúnem, independentemente de suas diferenças individuais, para torcer e compartilhar emoções coletivas. Nesses momentos, o esporte torna-se uma expressão tangível da identidade e unidade nacional. A camiseta da seleção brasileira de futebol, nesse sentido, é mais do que apenas um uniforme; é um símbolo potente que representa e une a nação.

Portanto, a identidade nacional é uma construção complexa que é alimentada por vários fatores, incluindo o uso de símbolos culturais e a prática do esporte. Por meio da compreensão da forma como estes elementos interagem e contribuem para a formação da identidade nacional, pode-se começar a desvendar a constituição da identidade coletiva brasileira. Aprofundar essa compreensão permite entender

melhor como o sentido de identidade nacional é criado, mantido e transformado, bem como os impactos dessa construção na sociedade mais ampla.

Ao longo dos anos foi se construindo gradualmente o imaginário coletivo nacional sobre o esporte, até que torcer para a Seleção Brasileira de Futebol era torcer para o Brasil, e como Nelson Rodrigues chamou em seu livro de crônicas, esse país é uma pátria de chuteiras, em que o futebol moldou a identidade cultural dos brasileiros, sendo o melhor do mundo no esporte mais popular do globo. O que não obstante aproxima política, cultura, economia, dinâmicas sociais e ideológicas dessas mesmas relações que regem o inconsciente nacional.

Desta forma, se tornou vital para as mais diversas esferas sociais se utilizarem do futebol como um objeto para controle e manutenção, principalmente quando o objetivo é a movimentação de massas. O que Getúlio Vargas tentou fazer ao longo dos anos de seus governos como plano de criação de um ideário nacional continuou a ser tentado por outros presidentes em outros momentos da história, em especial durante a ditadura militar de 1964, em que se precisava constantemente provar o valor e a qualidade do Estado. Nesse período houveram a construção de diversos estádios pelo país, assim como houve a presença de diversos militares na comissão técnica que foi para o México na Copa de 1970 e a criação do Campeonato Brasileiro logo em seguida no ano de 1971.

E como o futebol não está a parte da sociedade, muito pelo contrário, tem sempre uma participação ativa no que tange a utilização do esporte nessas tentativas de manobras sociais, ora resiste pressões, como no movimento da Democracia Corinthiana, que tem origem em 1982, um dos maiores movimentos ideológicos da história do futebol brasileiro, ora é propaganda para a ditadura, como quando Pelé levanta a taça da Copa de 1970 ao lado de Médici, aliado a uma visão de sucesso do governo ditatorial, ambos os casos sendo sempre necessário que cada situação seja visto com a complexidade que as dinâmicas sociais e políticas impunham ao esporte.

Na atualidade, com a abrangência global do futebol e o uso da tecnologia a favor de sua disseminação e espetacularização, o esporte continua sendo constantemente reforçado como parte identitária brasileira. Com os maiores campeonatos nacionais e internacionais sendo televisionados na rede aberta, o consumo em massa acaba por implicar em uma cultura massificada, como expõe Lipovetsky (2015) no livro *A estetização do mundo*. O que se tem hoje é a prova

dessa difusão e de como ao longo do tempo se foi construindo e evoluindo o esporte pautado na visão nacional e relação dos brasileiros para com o futebol nas mais diversas esferas.

Vide toda a trajetória da relação identitária do Brasil com o poder simbólico que o futebol ganhou, junto a toda sua importância na construção da identidade nacional, a camiseta da Seleção Brasileira de Futebol, a representação visual e estética máxima do esporte no país, ganhou também um lugar amplo, popular e versátil no imaginário nacional, tanto sobre o esporte quanto sobre o que significa ser brasileiro, algumas vezes até ultrapassando, contrapondo e se tornando parcialmente independente do esporte.

3. A CAMISETA DA SELEÇÃO COMO SÍMBOLO DE NAÇÃO

Em "A Identidade Cultural na Pós-Modernidade" (1992), Stuart Hall desafia a ideia convencional de identidade cultural como algo fixo ou inato. Para Hall, a identidade não é algo que nasce com o indivíduo, mas é constantemente formada e transformada dentro das representações culturais. Este ponto é expresso com clareza ao dizer que: "As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação." (1992, p. 48)

Neste sentido, a identidade é concebida como algo dinâmico, construído e reconfigurado continuamente em meio a interações sociais, práticas culturais e discursos. Hall argumenta que o indivíduo não possui uma única identidade, mas sim várias que se sobrepõem e interagem umas com as outras, dependendo do contexto. Isto é, cada pessoa pode se identificar de maneiras diferentes, em diferentes situações, tornando a identidade uma construção complexa e fluida.

Os símbolos culturais têm um papel importante nesta construção de identidade. Eles carregam significados atribuídos socialmente e são transmitidos de geração em geração, influenciando a forma como os indivíduos se percebem e se relacionam com o mundo. A apropriação de um símbolo, como a camiseta da seleção brasileira de futebol, pode servir para expressar a identidade cultural de um grupo, ao mesmo tempo que reforça a sensação de pertencimento ao mesmo.

Considerando o caso específico da "amarelinha", os indivíduos podem se apropriar deste símbolo para expressar sua identidade brasileira e reforçar sua conexão com a nação. Por outro lado, as diferentes maneiras como cada pessoa interpreta e se apropria desse símbolo revelam a diversidade e complexidade da identidade cultural brasileira.

É fundamental destacar a relevância da concepção de nação enquanto comunidade simbólica, tal como é ressaltado por Hall:

As pessoas não são apenas cidadãos legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu "poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade" (HALL, 1992 apud SCHWARZ, 1986, p 106)

Dentro desse contexto, um indivíduo não é somente um cidadão legal de seu país, mas também um participante ativo na criação e sustentação da ideia da nação,

representada através de sua cultura nacional. A identidade e a lealdade sentidas pelos indivíduos não derivam apenas de suas obrigações legais ou direitos como cidadãos, mas são também intensamente influenciadas pela partilha de um conjunto comum de representações e símbolos culturais, que formam o que entendemos como a cultura nacional.

Neste sentido, os símbolos e representações culturais são de grande importância na criação do sentimento de identidade e lealdade a uma nação. Ao se apropriar e se identificar com esses símbolos, como a camiseta da seleção brasileira de futebol, os indivíduos reforçam essa conexão e reafirmam sua identidade como membros dessa comunidade simbólica. Deste modo, se pode entender que a identidade nacional é moldada tanto por aspectos legais e formais de cidadania, quanto pela participação ativa na cultura nacional, ao se conectar com seus símbolos e representações culturais.

3.1. O conceito de nação

Nação é um conceito complexo e multifacetado, frequentemente utilizado para descrever um agrupamento humano que compartilha uma identidade coletiva baseada em fatores como história, cultura, língua, território e valores comuns. Essa identidade coletiva, muitas vezes chamada de nacionalidade, cria um senso de pertencimento e coesão entre os membros da nação. A identificação com essa característica pode ser atribuída aos brasileiros pela condição de serem um grupo de pessoas que se entendem coletivamente como país do futebol. No livro *Comunidades Imaginadas* de Benedict Anderson o conceito de nação é desenhado a todo momento, mas a ideia principal reside no conceito de que ela é imaginada, e como ele mesmo diz:

Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles (ANDERSON, 1983, p. 32).

A camiseta amarela da seleção brasileira de futebol é um símbolo poderoso que encapsula a conexão entre os mais variados grupos de pessoas ao longo da história, solidificando a ideia de uma nação brasileira, uma nação futebolística. Ela

representa não apenas o futebol, mas também o próprio Brasil, incorporando suas contradições, sua cultura, sua política e o povo que a utiliza, assim como aqueles que optam por não usá-la.

3.2. A significação da camiseta da seleção brasileira de futebol

Após a derrota em casa da partida final da copa de 1950 para o Uruguai, que ficou conhecido como o “Maracanãço”, o Brasil nenhuma outra vez ousou usar a camiseta branca nas suas partidas. E para nunca mais repetir a derrota, a CBD (Confederação Brasileira de Desportos) abriu no Correio da Manhã um concurso para que todos pudessem mandar opções para um novo uniforme para a seleção, que sintetizasse o povo brasileiro, e assim nasceu a canarinho. A camiseta amarela virou um ícone, representação da seleção brasileira e de todos que por ela torciam.

Outras fontes discordam dessa história popularmente conhecida, mas o que vale destacar é que apesar disso, o verde e o amarelo representam o Brasil no mundo muito melhor do que o branco fazia. Henrique Hubner em uma matéria para o site Campeões do Futebol, cita que:

A referida camisa ainda foi utilizada no Campeonato Pan Americano de 1952, onde a Seleção brasileira, basicamente formada pelos mesmos jogadores da copa de 1950, derrotou o mesmo Uruguai por 2 a 0, e em seguida sagrou-se campeã do torneio jogando com o mesmo uniforme branco de 1950. O último registro fotográfico do uniforme branco em jogo foi em 1956, no amistoso realizado no estádio San Siro, quando a seleção perdeu para a Itália por 3 a 0, numa excursão à Europa em que o Brasil jogou contra a Inglaterra em Wembley utilizando o uniforme canarinho. (HUBNER, 2010)

O branco também é existente no uniforme da Argentina e do Uruguai, o que lhes cabe muito mais destaque e significação do que ao Brasil.

Figura 3: Imagem de desenhos feitos por Aldyr Schlee



Fonte: <<https://fotografia.folha.uol.com.br>> acesso em 18/06/2023

Oito anos depois, o Brasil ganhou sua primeira taça da Copa do Mundo, o que intensificou ainda mais o sentimento ufanista pelo futebol, reforçando socialmente valores positivos ao esporte, retomando a visão e o enfoque nacional à então camisa amarela.

“Depois da primeira conquista da Copa do Mundo, em 1958, a camisa da seleção brasileira passou a incorporar valores de um Brasil vencedor, capaz de mostrar sua grandeza ao mundo. Exatamente o oposto do sentimento que surgiu após a derrota de 1950 (quando a camisa era branca)”, afirma Maurício Barros, jornalista, mestre em Ciência Política pela USP (Universidade de São Paulo) (BARROS, 2018 apud SEBBA, 2018)

A camiseta não foi o primeiro elemento a representar o torcedor no futebol. Nos primórdios, os pequenos clubes que se formavam no Rio de Janeiro e em São Paulo possuíam em suas divisões da arquibancada, torcedores que tinham fitinhas em seu chapéu, fitas essas vindas diretamente da Europa, com a cor de cada time, o botafogo tinha, o fluminense tinha, e quem as possuía se sentia especial, como um torcedor premium.

Com os maiores campeonatos nacionais e internacionais sendo televisionados na rede aberta, o consumo em massa acaba por implicar em uma cultura massificada, como expõe Lipovetsky (2015, p.180) no livro “A estetização do mundo”, o que pode ser visto na forma em que as camisetas de times são utilizadas em larga escala como forma de identificar quem usa para com seu time, ou no caso da camiseta da seleção, identificar com uma nação. Com a camiseta representando, em primeiro momento, os valores celebrados na sociedade globalizada moderna, como o do divertimento e ludismo, onde se encontra o futebol. Tais valores podem ser atribuídos por um conjunto de fatores, sendo um deles o resultado da construção de uma narrativa imagética e verbal do futebol na mídia.

A camiseta da seleção brasileira transcende seu papel meramente simbólico de representar o país, pois neste momento, ela passa a representar não só o futebol nacional, mas também o povo brasileiro, seus valores e costumes, criando uma conexão íntima com aqueles que a utilizam. Desde a década de 1950, quando a cor amarela foi introduzida, a camiseta tornou- se um ícone e uma parte do imaginário coletivo brasileiro.

A utilização da cor amarela, por sua vez, adquiriu maior notoriedade em 1970, durante a Copa do Mundo no México, quando a transmissão televisiva em cores possibilitou que a cor da camiseta fosse apreciada além dos estádios. Tal

evento foi crucial na popularização da “canarinho”, a qual se estabeleceu como um símbolo icônico do futebol e do país.

O público acompanhou em tempo real cada drible, cada lance, cada gol das principais equipes do mundo e vibrou com a “seleção canarinho”, apelido criado pelo locutor da Globo Geraldo José de Almeida... (Memória Globo, 2021)

Esse movimento impulsionou a venda de televisores, e a copa transmitida neste ano contou até mesmo com recordes de transmissão, como conta o site da emissora, Memória Globo, em que diz que: “O jogo contra a Inglaterra, por exemplo, exibido em 7 de junho, teve índices mais altos do que a transmissão da chegada do homem à Lua, ocorrida no ano anterior.” O que ressalta a importância do futebol como valor social para o Brasil, mesmo que a maioria das casas ainda contassem com as televisões em preto e branco.

Visto que nesse período o país passava por uma ditadura militar, há relatos que o presidente Médici foi um dos que estavam acompanhando a transmissão colorida do jogo entre Brasil e Inglaterra pelo televisor, usufruindo da modernidade. E “Para matar a curiosidade do povo, transmissões foram organizadas pelo governo em locais públicos.” (CASTRO, 2014)

Nesse momento, as manifestações com o uso da camisa já extrapolavam e vazavam para outras áreas da sociedade, ao passo que, firmada como símbolo pela paixão do brasileiro pelo futebol, a ampla reprodução e representação do uniforme na mídia que faz intercâmbio de valores como vitória, união e futuro da camisa para o indivíduo. Tornaram, na manifestação estética de seus interesses, o verde e o amarelo as cores oficiais da população em seu principal caráter nacionalista ou em sua tentativa de defender, criticar ou exaltar as esferas sociais na instância nação, o que tangibiliza sua expressão em áreas estatais, principalmente a política. E tais expressões de cunho nacionalista puderam ser vistas anos após no movimento das Diretas Já, e anos depois no Caras Pintadas. Em uma matéria especial para a página UOL, o jornalista Jardel Sebba relembra a importância do amarelo para esses movimentos:

Mesmo quando a camisa da seleção não está presente fisicamente, sua simbologia pesa na construção da identidade de muitas manifestações populares no Brasil. Nas Diretas Já, movimento pelas eleições diretas para presidente em 1984, o amarelo deu cor para os milhões que foram às ruas, mas não havia futebol ou brasão da CBF (Confederação Brasileira de Futebol). (SEBBA, 2018)

O contexto e história do futebol nunca se desprendeu socialmente da política e das relações de poder do país, o que explicita a conexão, não sempre clara, mas sempre direta com a camisa da seleção brasileira. O ex-jogador e atual comentarista Walter Casagrande, ressalta a relevância dessa conexão do futebol brasileiro, mais especificamente da camiseta da seleção com política, e disse em entrevista que: “Desde que comecei a participar da política brasileira, nunca separei a camisa da seleção da política. Independentemente de qualquer situação, a camisa da seleção é política” (CASAGRANDE, 2018 apud SEBBA, 2018).

Ao analisar o uso da camiseta da seleção para eventos que não são esportivos, além de citar as Diretas Já, os Cara Pintada, as manifestações anti-Dilma, esse lugar foi ocupado recentemente pelos seguidores do ex-presidente Jair Bolsonaro.

3.3. Os valores da brasilidade

A Ana Couto, uma agência de branding brasileira, realizou uma pesquisa sobre brasilidade e trouxe resultados palpáveis sobre o que os brasileiros pensam sobre o Brasil, sua relação com o país e diversos outros dados que corroboram com a ideia da estetização do país por meio da camiseta, uma vez que na pesquisa tivemos como um dos símbolos apresentados, o da camiseta da seleção brasileira, assim como a bandeira nacional, natureza, festas brasileiras, futebol, gastronomia, diversidade e vida cotidiana como outros símbolos que identificam e marcam brasilidade.

Figura 4: Captura de tela de um gráfico sobre os valores de brasilidade



Fonte: Branding Brasil: País que gera valor. Agência Ana Couto, 2022.

A bandeira e a camiseta da seleção brasileira estão relacionadas, compartilhando cores, e com uma sendo um símbolo de nação e a outra de nacionalidade. Essa relação também se dá na representação do que é ser brasileiro e a imagem que existe do Brasil. A pesquisa da Ana Couto identifica essa relação da seguinte maneira:

Nós nos identificamos com as características positivas atribuídas ao povo brasileiro, que é reconhecido como “o melhor do Brasil”. Por outro lado, a imagem do país, como instituição, é carregada de percepções negativas e não gera identificação. Vemos aqui uma incoerência: assumimos os aspectos positivos (ser brasileiro) e terceirizamos os aspectos negativos (a responsabilidade pelas deficiências do Brasil é sempre do outro). (COUTO, 2022, p.9)

Como mostra a figura 4, entre os valores pesquisados, união, futuro e esperança, associados a bandeira do brasil e a camiseta brasileira, esperança possui uma pontuação maior em relação a camiseta da seleção, e isso pode ser destacado pelo fator futebol, que se conecta com o povo e com uma ideia de vitória e prosperidade.

Tais elementos constroem o Brasil como marca no globo, com os valores de sua sociedade findados em seus símbolos. Na introdução da reportagem especial TAB ao grupo UOL, o jornalista Jardel Sebba, disse que: “A camiseta amarela da seleção é o cartão de visita preferencial do brasileiro no mundo” (2018, p.1). E isso acontece pelo seu valor que foi ao longo do tempo se consolidando, na bandeira, na camiseta por uma influência no futebol, aspecto que Nelson Rodrigues já identificava em suas crônicas ao dizer que: “E, por isso, eu lhes digo que A primeira missa, de Portinari, é inexata. Aqueles índios de biquine, o umbigo à mostra, não deviam estar na tela, ou por outra: — podiam estar, mas de calções, chuteiras e camisa amarela.” (1962, p.1). Essa crônica em específico, “Futebol é paixão”, conta sobre os altos e baixos de ser um torcedor do Brasil, e como todo esse jogo e todas essas emoções definem o que é ser brasileiro. E tal qual Nelson Rodrigues dizia em sua referência a obra de Portinari, Sebba confirma ao dizer que “De fato, entre os símbolos nacionais brasileiros, oficiais ou não, nenhum é tão popular como a camisa amarela da seleção.” (2018)

3.4. A influência do futebol na sociedade e na estética

Desta forma, para entender as relações do futebol e da camiseta da seleção brasileira é necessário analisar tal associação em dois âmbitos, o da esfera social e da esfera estética.

3.4.1. Impacto do futebol na esfera social

Na esfera social, o futebol desempenha um papel central na construção da identidade nacional e na expressão coletiva de valores. Por ser um esporte amplamente popular no Brasil, o futebol serve como um ponto de encontro para diferentes estratos sociais, unindo torcedores de todas as classes em torno de um objetivo comum: a vitória de seu time, seja ele a seleção brasileira ou seu time local. Para entender tal relevância é preciso anteriormente entender o esporte como uma expressão cultural, pois é desta forma que ele dinamiza e cria relações mais complexas entre o povo brasileiro, sendo base de um processo de criação de identidades e dinâmicas sociais entre diversas classes e grupos. No livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, o teórico cultural e sociólogo britânico-jamaicano, Stuart Hall, escreve sobre como a relação da expressão cultural deve ser entendida como uma parte do processo da criação de identidade de um povo.

Os processos pelos quais as culturas são produzidas e recebidas, praticadas e transformadas, são os processos pelos quais as identidades culturais são formadas e transformadas. A cultura é um dos principais locais de luta simbólica onde as questões de identidade são vivenciadas, negociadas e resolvidas. (HALL, 1992, p.3)

Ainda nesse livro, Stuart Hall comenta sobre como a identidade cultural pode ser expressa por meio de objetos, em que artefatos, roupas, música e literatura são frequentemente utilizados para representar e reforçar a identidade de um grupo ou comunidade. Esses objetos podem ser vistos como símbolos que carregam significados culturais específicos e ajudam a definir tais grupos, como é o caso da camiseta da seleção brasileira de futebol. A amarelinha se torna um símbolo poderoso nesse contexto, representando o orgulho nacional e o sentimento de pertencimento à comunidade brasileira.

Assim, a construção de valor para o futebol na esfera social está relacionada à receptividade do povo brasileiro às demonstrações desse esporte e ao sucesso tanto nacional quanto internacional da seleção brasileira.

Desta forma, a popularidade do futebol entre a população pode ser atribuída a uma série de fatores interligados. Em primeiro lugar, o esporte requer poucos recursos materiais para ser praticado e compreendido, sendo então, mais acessível. Isso permite que pessoas de diferentes origens sociais e econômicas possam participar ativamente do esporte, seja como jogadores ou torcedores, o que contribui para sua ampla base de fãs.

Em segundo lugar, o futebol possui uma dimensão emocional e lúdica que atrai as pessoas. Os jogos são repletos de momentos de tensão, emoção e celebração, criando uma experiência coletiva intensa e envolvente. A possibilidade de torcer, vibrar e compartilhar essas emoções com outros torcedores fortalece os laços sociais e promove um senso de pertencimento e identidade no imaginário coletivo. Desempenhando também um papel importante na promoção da inclusão social. Durante os jogos, uma comunidade é formada em torno do esporte, reunindo-se pessoas em bares, praças e estádios. Essa experiência coletiva fortalece os laços de solidariedade e proporciona uma sensação de pertencimento. E isso é especialmente importante para explicar a relação da periferia brasileira com o futebol.

Composto tanto por jogadores brancos quanto negros, a seleção brasileira reflete, em campo, uma diversidade étnica e cultural semelhante à do país. Essa representatividade facilita a identificação de pessoas de diferentes partes do mundo - especialmente daqueles que vivem nas periferias do capitalismo - com os jogadores brasileiros e suas histórias de vida. Em destaque, aqueles que se tornam ícones, como Pelé, Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, Neymar e outros. Tais jogadores são frequentemente celebridades e figuras de destaque na mídia, resultado de uma cobertura midiática intensa do futebol que alimenta o imaginário popular e cria um senso de admiração e aspiração em relação ao mundo do futebol. Por intermédio da mídia, as histórias de sucesso e superação dos jogadores criam um ambiente propício para que o futebol se torne, além de uma paixão, um desejo. Essa identificação ocorre de forma quase inconsciente, fortalecendo o vínculo emocional e simbólico com a seleção do Brasil.

Nesse sentido, a citação de Pedro Costa Júnior, professor de Relações Internacionais na Faculdade Integrada Rio Branco, reforça essa ideia. Segundo Costa Júnior em entrevista à revista Exame:

“A seleção brasileira é resultado do país miscigenado que é o Brasil, e isso facilita uma identificação geral seja na Síria ou na Jamaica. As pessoas desses países que estão na periferia do capitalismo se reconhecem quase que inconscientemente com nossos jogadores e suas histórias de vida, e isso não seria tão forte se outras seleções fossem tão campeãs quanto a seleção do Brasil, mas menos diversas, como é o caso da Argentina”. (JUNIOR, 2023)

Isso mostra que a diversidade étnica e cultural da seleção brasileira contribui para que ela se destaque e seja admirada no cenário global, promovendo assim um sentido ainda mais profundo de pertencimento e identificação em diversas partes do mundo.

Essa conexão entre o futebol brasileiro e a diversidade do país é um fator-chave para a construção de valor social para o esporte. O sucesso da seleção brasileira, com suas conquistas em torneios internacionais, reforça a imagem de um Brasil bem-sucedido no cenário esportivo. Essas vitórias e o prestígio internacional conquistado pela seleção ao longo dos seus mais de cem anos de história, contribuem para elevar o orgulho e a autoestima da população brasileira, contribuindo para a construção de uma identidade nacional positiva, uma expressão de um Brasil diverso e não colonizador, construindo reconhecimento e prestígio em todo o mundo. E como reafirma Agnaldo Kupper em seu artigo *O futebol brasileiro como instrumento de identidade*: “Fato é que o futebol, em sua trajetória histórica, talvez tenha sido o primeiro instrumento de autoestima do brasileiro diante e perante o mundo [...]” (2018, p.15)

Portanto, a receptividade do povo brasileiro às demonstrações de futebol e o sucesso nacional e internacional da seleção brasileira constroem valor para o esporte na esfera social. A diversidade étnica e cultural representada pelos jogadores brasileiros, aliada às conquistas esportivas, reforçam a imagem de um Brasil não colonizador, bem-sucedido e respeitado globalmente. Essa conexão entre o futebol e a identidade nacional contribui para a valorização do esporte em todas as camadas da sociedade brasileira, em especial nas periferias.

A relação entre a periferia, a pobreza e o futebol é estreita e complexa. Nas comunidades periféricas, onde as condições socioeconômicas são frequentemente

desfavoráveis, o futebol ganha uma importância ainda maior. Para muitos jovens que crescem nessas áreas, o futebol representa uma oportunidade de escape da realidade de pobreza e exclusão social.

O futebol se apresenta como uma via de esperança, um caminho para superar as dificuldades e alcançar um futuro melhor. Nas periferias, os campos improvisados, conhecidos como "campinhos", são espaços de socialização e expressão para a juventude. A prática do futebol nessas áreas desempenha um papel fundamental na criação de laços comunitários, no fortalecimento da identidade coletiva e no desenvolvimento de habilidades físicas e técnicas.

Além disso, o futebol nas periferias é uma forma de resistência e empoderamento. Os jovens das comunidades periféricas muitas vezes enfrentam desafios socioeconômicos e têm suas oportunidades limitadas. O futebol se torna uma maneira de reivindicar espaço e voz, desafiando estereótipos e preconceitos. Por meio do esporte, esses jovens encontram uma forma de expressão, autoafirmação e reconhecimento.

Essa valorização é tão relevante a ponto de se consolidar como um sonho a se alcançar para grande parte da população por diversos motivos. Primeiramente, o futebol oferece oportunidades de ascensão social e econômica para jogadores talentosos. Para muitos jovens, especialmente aqueles que vêm de comunidades periféricas e de baixa renda, o futebol representa uma chance de escapar da pobreza e alcançar uma vida melhor. A possibilidade de se tornar um jogador profissional de futebol é encarada como uma porta de entrada para o sucesso e reconhecimento.

Como é afirmado no mesmo artigo de Kupper "o futebol pode ser visto como fundado em inaceitáveis mecanismos de compensação por tudo o que o país não realiza, compensação tomada como satisfatória em si mesma" (WISNIK apud KUPPER, 2018). Isso sugere que o futebol se tornou uma forma de compensar as deficiências sociais e econômicas do Brasil, seja oferecendo uma possibilidade de vida melhor a população periférica ou como forma de escape e entretenimento, mas em ambos os casos capaz de promover uma autoestima nacional.

Em um país com desigualdades sociais acentuadas e desafios econômicos, o futebol, ao se apresentar como um meio de alívio das tensões cotidianas e uma fonte de alegria e diversão, consegue, nessa lógica de compensação, despertar

paixões e emoções intensas, proporcionando momentos de catarse e união entre os torcedores.

Na periferia, o futebol também pode funcionar como um agente de transformação social. Projetos sociais e iniciativas comunitárias voltadas para o esporte são comuns, buscando utilizar o futebol como uma ferramenta para promover a inclusão e oferecer oportunidades educacionais. Essas iniciativas visam criar um ambiente mais saudável nas comunidades periféricas, utilizando o futebol como um meio de desenvolvimento pessoal e comunitário.

Nessa relação profunda e multifacetada entre a periferia, a pobreza e o futebol, o último se torna uma atividade central nas vidas dos jovens das comunidades periféricas, oferecendo esperança, identidade, resistência e oportunidades de transformação social. Para a periferia, o futebol é luta, conexão, diversão e uma possibilidade de ascensão social. Ele constrói de maneira profunda a identidade cultural periférica brasileira em quase todos os âmbitos da sua existência, e essa conexão é traduzida esteticamente, refletindo nas roupas, na arte e nos símbolos que representam a periferia.

3.4.2. O significado estético do futebol

A relação entre o futebol e o campo estético é intrínseca e encontra expressão em várias dimensões visuais, simbólicas e culturais. Como mencionado anteriormente, o futebol possui uma estética própria que se manifesta tanto nas vestimentas dos jogadores e torcedores, como também na atmosfera dos estádios e nas representações artísticas relacionadas ao esporte. Neste contexto, é interessante explorar como essa relação estética se constrói e se manifesta, especialmente considerando a conexão com a periferia e as camadas sociais menos privilegiadas.

Dentro do campo estético, a camiseta da seleção brasileira se destaca como um símbolo visual reconhecido mundialmente. As cores vibrantes, o design característico e a identificação com a nação criam uma estética única que transcende o esporte. A estética do futebol também se reflete nos estádios, onde os torcedores utilizam adereços, bandeiras e coreografias para criar uma atmosfera visualmente impactante. Além disso, o futebol inspira artistas visuais, fotógrafos e

cineastas, que capturam a essência estética e as emoções do esporte em suas obras.

Essa relação estética no contexto do futebol ganha ainda mais relevância quando analisada dentro da periferia, pois reflete a criatividade, a resistência e a expressão cultural dos indivíduos que encontram no esporte uma forma de escape e identidade coletiva. Portanto, compreender como a estética se constrói nesse contexto específico é fundamental para uma análise abrangente da relação entre o futebol e a periferia.

As camisetas de clubes, tanto nacionais quanto internacionais, desempenham um papel significativo na construção do estilo individual das pessoas. Essas peças de vestuário transcendem sua função meramente esportiva e se tornam elementos estéticos que refletem as preferências pessoais, a identidade e até mesmo a afiliação cultural de quem as veste. Um exemplo notável desse fenômeno é a influência da marca de moda Balenciaga e sua estética "*blockcore*" no universo das camisetas de futebol.

A moda "*blockcore*", segundo a historiadora Silva (2022) em artigo para a revista do instituto Ludopédio, incorpora elementos da cultura urbana e esportiva para criar uma estética visualmente marcante e de forte impacto. Uma tendência emergente nascida no contexto pós-moderno, a moda *blockcore* busca recuperar elementos de épocas passadas e recontextualizá-los de uma forma contemporânea e disruptiva. As camisetas de times de futebol são uma incorporação crítica a esta estética, servindo tanto como uma ponte para a nostalgia quanto uma expressão de afiliação e identidade cultural. Em um país como o Brasil, onde o futebol é quase sinônimo de cultura nacional, a escolha de usar camisetas de times brasileiros adquire um significado particularmente relevante.

As camisetas de futebol entram na estética *blockcore* como peças-chave que unem a esfera da moda à cultura popular, esportiva e até mesmo à identidade pessoal. A Balenciaga, mencionada por Silva (2022), tem sido uma das marcas na vanguarda desta fusão, reinventando camisetas de clubes de futebol com sua abordagem inovadora. Esta abordagem se alinha com a estetização do mundo discutida por Lipovetsky (2015), onde a moda se torna uma forma de expressão cultural e de identidade individual.

No contexto brasileiro, essa tendência se destaca particularmente, dada a profunda conexão do país com o futebol. A adoção de camisetas de times de futebol

na moda diária, tanto por homens quanto por mulheres, se tornou uma forma poderosa de expressar identidade e afiliação cultural. Essa escolha não se limita apenas à expressão de apoio a um time particular, mas também reflete a cultura, a história e as tradições que o time representa.

No entanto, como observado por Silva (2022), é importante reconhecer as complexidades e tensões sociais e raciais que permeiam este fenômeno. Enquanto a moda *blockcore* e a adoção de camisetas de times de futebol são celebradas nos círculos da moda, deve-se questionar quem tem o privilégio de participar dessa tendência e como essa participação é percebida e valorizada. O mundo da moda tem uma longa história de apropriação e exclusão, e é essencial que essas questões sejam abordadas à medida que novas tendências emergem.

A Balenciaga, por sua vez, explorou a fusão entre o mundo do futebol e a moda em suas coleções criando camisetas que mesclam os elementos tradicionais das camisetas de clubes com a estética contemporânea e disruptiva, incorporando detalhes gráficos, logos modificados e combinações de cores únicas. Essa abordagem estética ousada contribuiu para popularizar uma tendência conhecida como "*blockcore*", que busca uma estética urbana e underground inspirada nos uniformes esportivos.

Figura 5: Imagem de divulgação da parceria das marcas Adidas e Balenciaga



Fonte: <<https://hypebae.com/>> acesso em 18/06/2023

Essa evolução estilística das camisetas de futebol reflete o desejo de expressão individual e autenticidade por parte dos adeptos do esporte. Por meio das camisetas de clubes, as pessoas podem demonstrar sua afinidade com um

determinado time, mas também podem explorar e mesclar diferentes influências estéticas e culturais em sua forma de se vestir.

Essa relação entre as camisetas de clubes, a moda e a expressão individual acrescenta uma dimensão adicional à discussão sobre a relação entre futebol e estética. Evolução estilística que reforça ainda mais a relevância do futebol na esfera social, pois vai além do campo esportivo e se estende para o campo da moda e do estilo de vida, ampliando seu impacto cultural.

3.5. A estética periférica

Essa relação estética ganha ainda mais relevância quando analisada dentro da periferia, onde a estética do futebol pode refletir a criatividade, a resistência e a expressão cultural dos indivíduos que encontram no esporte um repertório mais complexo de significados. Portanto, compreender como a estética se constrói nesse contexto específico é fundamental para uma análise abrangente desta relação.

A periferia utiliza o campo estético de maneiras diversas para estabelecer um vínculo forte e significativo com as camisetas da seleção brasileira e de clubes de futebol. As camisetas representam mais do que vestuário esportivo, sendo símbolos de identificação e pertencimento. Na periferia, a camiseta da seleção brasileira é adotada como um orgulho nacional, expressando paixão pelo futebol e amor pelo país. A estética marcante da camiseta, com suas cores vibrantes e emblema da seleção, faz parte do visual cotidiano dos moradores, reforçando sua identidade e senso de pertencimento.

Além disso, as camisetas dos clubes, como Corinthians e Flamengo, desempenham um papel fundamental na representação local e comunitária. Essas equipes são vistas como símbolos de resistência, superação e identidade e como forma de expressar apoio ao time e transmitir um senso de identidade coletiva, o uso dessas camisetas não se limitam apenas aos dias de jogos, mas se fazem presentes no cotidiano, nas ruas e em ocasiões sociais variadas.

Adicionalmente, a periferia desenvolve sua própria estética em relação às camisetas, frequentemente personalizando-as de forma única. É comum observar torcedores customizando as camisetas com faixas, pinturas ou adereços adicionais, agregando elementos estéticos próprios e criando uma identidade visual específica. Essa personalização contribui para a construção de uma estética periférica e

individualizada, reforçando o sentimento de pertencimento e a expressão cultural nas comunidades. Como por exemplo a imagem abaixo, de camisetas feitas para a Copa do Mundo de 2022:

Figura 6 (à esquerda): Imagem de camiseta personalizada 1

Figura 7 (à direita): Imagem de camiseta personalizada 2



Fonte: <<https://shopee.com.br/> e <https://produto.mercadolivre.com.br/>> acesso em 18/06/2023

O futebol de rua, como expressão autêntica do esporte nas periferias, desempenha um papel fundamental na relação com o uso das camisetas de time. Nas ruas e quadras das comunidades, é comum ver jovens e adultos jogando futebol vestindo as camisetas de seus times preferidos. Essas camisetas se tornam símbolos de identificação e representam a conexão com o universo do futebol profissional, símbolos de orgulho e resiliência, refletindo a identidade e a cultura futebolística da periferia.

Para os moradores dessas comunidades, o uso das camisetas de time vai além do simples apoio esportivo. Elas representam uma forma de identificação com uma coletividade e uma esperança de mudança social. A camiseta se torna um instrumento simbólico de pertencimento e mobilização, unindo as pessoas em torno de um objetivo comum. Ela carrega consigo a esperança e a crença de que o futebol e a paixão pelo esporte podem ser motores para transformações sociais significativas.

Nesse contexto, a camiseta se torna um elemento central na cultura futebolística da periferia, um resultado simbólico da relação profunda entre o futebol

e a comunidade, transmitindo valores, histórias e sentimentos compartilhados. Essas camisetas carregam em si a história das batalhas travadas nas ruas, os sonhos de sucesso no esporte e a expressão da identidade coletiva.

Portanto, a periferia utiliza o campo estético para estabelecer uma conexão visual e simbólica forte com a camiseta da seleção brasileira e com as camisetas de outros times de futebol nacionais. A incorporação dessas vestimentas no cotidiano, juntamente com a personalização e a expressão estética, permite que as comunidades periféricas fortaleçam sua identidade, paixão e senso de pertencimento em relação ao esporte.

4. O SIGNIFICADO DO FUTEBOL NA ESFERA POLÍTICA

4.1. Futebol, economia e *soft power*

Não é novidade que o futebol representa uma parcela significativa da expressão identitária do Brasil, mas além dessa esfera social, ele também influencia a política, economia e outras dinâmicas de poder da nossa sociedade.

O futebol brasileiro emprega milhares de pessoas, gera receita para clubes e empresas além de ajudar a promover a imagem do Brasil no exterior, com uma indústria que movimenta diversos setores, como a publicidade, o turismo e a moda. Só na economia, o esporte movimenta cerca de R\$52,9 bilhões para o país, de forma direta, na venda de jogadores para times estrangeiros, prática que acontece desde o início do século, ou de forma indireta, com estabelecimentos que vendem artigos de futebol, ou bares que transmitem a partida e assim atraem clientes. Uma pesquisa realizada pela CBF e comentada no portal O Economista, mostra que esse valor é significativo e afeta uma parcela do PIB nacional:

A CBF (Confederação Brasileira de Futebol) teve a ideia de que seria preciso um estudo sobre o impacto que o futebol brasileiro causa na economia do país. Realizado pela consultoria "EY", foi apontado que o futebol movimenta um total de R\$ 52,9 bilhões na economia do país, o que representa 0,72% do total do PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro, mostrando que R\$ 37,8 milhões são de efeitos indiretos. (www.oconomista.com.br, 2022).

O esporte consegue ser financeiramente relevante independente de outros desafios econômicos e estruturais, como má gestão financeira dos clubes e a corrupção que perpassa diversos níveis e estruturas hierárquicas.

Desta forma, o futebol desempenha um papel significativo na cultura brasileira e na sociedade em geral. No artigo "Futebol, arte e política: catarse e seus efeitos na representação do torcedor" (2009), Bernardo Borges Buarque de Hollanda explora a relação dinâmica entre esporte e política, propondo uma nova maneira de entender o futebol além das percepções estereotipadas de ser uma simples distração ou meio de alienação das massas.

Contrapondo-se à visão que associa o futebol à alienação e à manipulação das massas, Hollanda se inspira em Bertolt Brecht para propor que o futebol, assim como o teatro épico de Brecht, pode servir como um espaço para a desconstrução da "ilusão" e para a crítica da realidade social e política. O futebol, portanto, pode

ser considerado uma forma de arte que reflete, critica e até mesmo subverte as relações de poder e as dinâmicas sociais existentes.

Hollanda rejeita a ideia de que o futebol é meramente um reflexo superestrutural da economia ou uma representação maniqueísta da dominação. Em vez disso, argumenta que o futebol está intrinsecamente entrelaçado com a realidade política, econômica e jurídica em que se insere. Como tal, o futebol não é uma entidade isolada, mas está integrado e em interação constante com as estruturas sociais mais amplas.

No Brasil, o futebol é mais do que um simples jogo. É uma parte fundamental da identidade cultural do país e desempenha um papel crucial na vida pública. O futebol brasileiro é conhecido mundialmente pela sua técnica e criatividade, características que são frequentemente associadas à identidade nacional brasileira. No entanto, o futebol também é um espaço onde as desigualdades sociais e raciais, a corrupção política e outros problemas sociais são refletidos e negociados.

Dentro do âmbito das relações internacionais, devido, em grande parte, ao sucesso da seleção brasileira em torneios mundiais, como a Copa do Mundo, e posteriormente ao talento de jogadores brasileiros que se destacam em clubes europeus, o futebol brasileiro pode ser considerado como uma categoria de *soft power* para o país. Tal conceito foi desenvolvido por Joseph Nye em 1990 se refere à capacidade de um país de influenciar outros por meio da cultura, da diplomacia e dos valores que ele representa. No caso do Brasil, a imagem de uma nação alegre, criativa e habilidosa no esporte é uma narrativa poderosa que ajuda a promover sua identidade no mundo, sendo uma importante moeda de troca e de visibilidade do país em suas relações internacionais (área de estudo de onde se originou o termo). Em um artigo chamado “O exercício do *soft power*: futebol e o caso brasileiro”, o autor Bruno Guimarães, cita que:

A cultura de uma nação é uma fonte mais efetiva de *soft power* quando seus valores são bastante abrangentes e universais, pois possuem uma maior capacidade de atrair outras culturas — através de meios populares e de elite. (2008, p.147).

Desta forma, sendo o futebol perante a sociedade brasileira uma importante ferramenta cultural, ele se torna também uma importante ferramenta política,

acrescentado pelo fator de mobilização de massas que ele possui, ao unir grandes quantidades de pessoas por sua conexão identitária.

Outro conceito importante para entender a relação entre o futebol e os setores da sociedade, como a economia, é o de indústria cultural, criado por Theodor Adorno e Max Horkheimer em 1947. Segundo esses autores, a cultura, incluindo o esporte, é produzida em massa e serve principalmente para entreter e manipular as massas, reproduzindo as ideologias dominantes. Assim, a indústria do futebol é uma forma de capitalismo cultural que gera lucros e empregos, mas também reproduz e difunde valores que são convenientes para as elites políticas e econômicas.

O conhecimento dessa faceta do futebol foi o que permitiu que os ditadores brasileiros o utilizassem como uma das ferramentas para manipulação midiática massiva, para conseguirem promover uma ideia de Brasil perfeito e vitorioso.

A ditadura militar no Brasil, que durou de 1964 a 1985, foi um período conturbado na história do país. Durante esse tempo, o governo autoritário reprimiu a liberdade de expressão e a organização política, além de violar os direitos humanos. O futebol e a camiseta da seleção brasileira foram elementos importantes nesse contexto, pois foram usados pelo regime para promover a ideologia nacionalista e unificar a população em torno do governo. O time brasileiro era visto como um símbolo de orgulho nacional, e a vitória em eventos esportivos, como a Copa do Mundo de 1970, era celebrada como uma conquista do Brasil.

Nesse sentido, desde o começo, o governo militar investiu em grandes eventos esportivos. Humberto de Alencar Castelo Branco, o primeiro presidente da ditadura militar, via no futebol uma forma de unir a população e propagar a ideologia militar. Segundo artigo de Lopes que fala sobre as relações do presidente durante a ditadura militar Castelo Branco com o futebol:

A presença no estádio para acompanhar as partidas, o desejo por contato direto com os principais nomes da Seleção e a vinculação de sua imagem com o time são notórios. (2019, p.24)

Assim, ele pavimentou o caminho para que os próximos presidentes elaborassem ainda mais tais ideias, atos que o próprio já entendia a finalidade e objetivo.

Em 11 de julho de 1966, cerca de um mês antes do início da Copa do Mundo na Inglaterra, Castelo Branco se encontrou novamente com toda a

delegação da Seleção Brasileira, agora para uma "despedida". O Presidente declara que a Seleção é um "valor nacional, e é uma esperança de que a bandeira do Brasil se identifique perfeitamente com a bandeira da vitória". (LOPES, 2019, p.24)

O general Costa e Silva, que governou o país entre 1967 e 1969, foi um dos principais responsáveis por essa estratégia. Lucas Lopes, comenta também sobre como Costa e Silva utilizou o futebol como um dos principais símbolos para uma unificação nacional.

O General Arthur da Costa e Silva assume a presidência brasileira em 1967 e, a partir de seu mandato, o intervencionismo dos militares se torna ainda mais presente no futebol. Mais do que o caráter propagandístico, o regime passa a introduzir aspectos de sua forma na organização e administração do futebol brasileiro – e consequentemente na Seleção Brasileira. (LOPES, 2019, p.31)

Logo após veio Médici, que ficou no poder entre os anos de 1969 e 1974. Ele era um grande entusiasta do futebol e acreditava que a seleção poderia ser utilizada como um símbolo do regime e do patriotismo brasileiro. Com a vitória na Copa do México, a equipe brasileira cada vez mais tinha o objetivo de fortalecer a imagem do Brasil no exterior e promover a ideia de que o país estava unido e progredindo. O governo exaltou a equipe de futebol como um exemplo do que o Brasil poderia alcançar sob a liderança da ditadura militar. O jornal O Estado de São Paulo publicou uma matéria intitulada "Significado de um estupendo triunfo" na qual afirmava que "a euforia é idêntica tanto da parte do governo quanto da parte da oposição, embora, à primeira vista, se pudesse imaginar que, politicamente, ela fosse mais favorável ao primeiro".

Figura 8: Imagem de Jornal



Fonte: (p.3, Jornal, edição de 23 de Junho de 1970. [Acervo Estadão](#)) acesso em 22/03/2023

O então presidente, tinha o poder de até mesmo escolher os jogadores que queria que fizessem parte da seleção, como aconteceu com João Saldanha, que ao recusar escalar Dário o centroavante favorito de Médici foi retirado do cargo e substituído como técnico.

Foi, ao menos para o Brasil, a primeira Copa do Mundo transmitida ao vivo pela televisão e a última em preto e branco. Nunca, porém, uma seleção verde e amarela brilhou tanto ou apresentou futebol tão colorido.

A transmissão em cores da Copa de 1970 ajudou a consolidar a televisão como o principal meio de comunicação de massa no Brasil, e teve um impacto significativo na economia do país, uma vez que a venda de televisores coloridos aumentou consideravelmente durante o período. E como o colunista Eric Gómez da ESPN México comentou em uma matéria: “A camisa do Brasil passou de cinza, como todas as outras, para o vibrante amarelo canarinho”.

Figura 9: Imagem de Pelé na copa de 1970



Fonte: <<https://www.mg.superesportes.com.br>> acesso em 22/03/2023

Desde então, o governo Médici investiu em grandes eventos esportivos, como a construção de estádios, e incentivou a prática do esporte em todo o país, parte muito significativa de seu plano de governo.

Nesse sentido, há uma cobrança cada vez mais recorrente para a introdução de maiores valores de disciplina, hierarquização, planejamento no futebol;

valores atribuídos não ao acaso, mas sim presentes na ideologia vigente em toda sociedade, impulsionadas pelo Governo. (LOPES, 2019, p.10)

Ele criou uma série de programas esportivos, como o "Esporte para Todos", que tinha como objetivo incentivar a prática esportiva em todas as camadas da sociedade e promover a imagem do governo. Além disso, ele fundou o Brasileirão, campeonato para a disputa do futebol entre os clubes nacionais, que é disputado até hoje, sendo um dos principais campeonatos do país.

Figura 10: Imagem do estádio nomeado em homenagem ao presidente Médici



Fonte: Boletim Informativo, Sport Club do Recife, Ano VI, SET 1971, nº 8, p. 4 e 5

Médici não era um presidente que contava com grande popularidade entre a população, apesar de seu governo ditatorial buscar transmitir outra imagem na época. Em seu discurso de posse, expressou o desejo de que seu governo alcançasse um alto nível de popularidade, um objetivo que ele ambicionava atingir, por isso a sua associação com o futebol foi extremamente fundamental para estreitar a relação com o público.

4.2. Símbolos de Brasil na ditadura

Mas além do futebol, foi necessário também fazer um esforço em outras áreas, para cumprir um objetivo maior de implementar e fixar valores, em suma, militares, na sociedade.

As interferências da Ditadura Civil-Militar no campo do futebol não significam apenas um aspecto relevante no campo do esporte, mas nos apresentam como esse governo pretende se instaurar e apoderar-se de uma hegemonia cultural na sociedade da época. Os valores e ideologias militares são cada vez mais difundidos e vislumbrados como ideais no comportamento civil, passando assim, a coagir e punir seus “transgressores”. (LOPES, 2019, p.11)

Outros símbolos também foram ostensivamente utilizados para a promoção da ditadura, desde seus primeiros anos com Castelo Branco, como o Hino Nacional que foi amplamente divulgado e recorrente em cerimônias cívicas e militares tendo o seu uso constante para reforçar a ideia de patriotismo e amor à pátria. Também, a Bandeira Nacional utilizada como um símbolo de união e identidade nacional, exibida constantemente em eventos cívicos e esportivos, e com seu uso incentivado em escolas e repartições públicas, pois como Lucas Lopes destaca em seu artigo “As interferências e interlocuções de Castelo Branco no futebol e os precedentes para a militarização do futebol brasileiro.” (2019) escrito para a revista Cantareira, o Presidente declara que a Seleção como um “valor nacional, e uma esperança de que a bandeira do Brasil se identifique perfeitamente com a bandeira da vitória” (LOPES, 2019, p.8). Não obstante, campanhas cívicas foram promovidas pelo governo como o Programa Nacional de Valorização da Família (PROFAMÍLIA), que incentivava a união familiar e a educação dos filhos. E no campo da arte, a música foi utilizada para difundir a ideologia nacionalista, como a canção “Pra Frente, Brasil”, composta por Miguel Gustavo, com versos que dizem: “Noventa milhões em ação/ Pra frente Brasil do meu coração/ De repente é aquela corrente pra frente/ Parece que todo o Brasil deu a mão/ Todos ligados na mesma emoção/ Todos juntos vamos, pra frente Brasil/ Salve a seleção!” (Memória Globo) foi utilizada como tema da Copa do Mundo de 1970 e tornou-se um hino do regime, momento em que o presidente era Emílio Garrastazu Médici.

Tais campanhas ufanistas promovidas pelo governo militar tinham slogans como “Brasil, ame-o ou deixe-o” e canções como “Eu te amo, meu Brasil”, “Esse é um país que vai para frente”.

Figura 11: Imagem de campanha da semana da pátria 1970



Fonte: <<https://veja.abril.com.br/>> acesso em 18/06/2023

Mas apesar da ostensiva propaganda feita por anos a finco, também houveram momentos de resistência que buscavam subverter os mesmos símbolos. O historiador e cientista político Benedict Anderson enfatizou que as nações são "comunidades imaginadas" que se baseiam em construções culturais e simbólicas, e que muitas vezes não correspondem à diversidade real das sociedades. Assim, pode-se dizer que a noção de unificação nacional propagada pelo governo pode ser considerada uma ficção à luz dessas teorias, que enfatizam a complexidade e a diversidade das sociedades nacionais, e o uso do futebol como um símbolo de exaltação à ditadura militar não conseguiu apagar as diferenças sociais e políticas que existiam na sociedade brasileira, e assim, muitos torcedores utilizaram a camiseta da seleção como uma forma de resistência ao regime.

Ainda com base na teoria de Anderson, o futebol não seria então um elemento de coesão social em si mesmo, mas uma construção social, um acordo entre essas sociedades imaginadas, que pode ou não funcionar como tal. Então, ainda que muitos os esforços dos governos militares, a unificação da população em torno desses ideais não foi plenamente alcançada e não contou com o consenso de todos, como pode-se ver nos movimentos dentro do futebol e fora, como o movimento Diretas Já e o caras-pintadas, que subverteram o significado que estava até então estando sendo atribuído aos símbolos nacionais para resistência.

Alguns jogadores de futebol, como Sócrates e Casagrande, usaram sua visibilidade no esporte para denunciar as violações de direitos humanos perpetradas pela ditadura militar. Embora nem todos os brasileiros compartilhassem essa ideologia nacionalista, muitos torcedores também utilizaram a camisa da seleção como uma forma de resistência ao regime, subvertendo seu significado original e transformando-a em um símbolo de oposição.

E apesar do uniforme da equipe brasileira ter sido um símbolo importante da ditadura militar, com o uso do verde e amarelo incentivado pelo governo com o intuito de associá-lo à ideia de patriotismo e apoio ao regime, a apropriação desse símbolo pelos torcedores que se opunham à ditadura demonstra que a unificação nacional promovida pelo governo não correspondia à diversidade de opiniões e ideologias presentes na sociedade brasileira na época.

Juntamente à demonstração de descontentamento dos torcedores, foi ocorrendo no Brasil o levante do movimento “Diretas Já”, que ocorreu na década de 1980, lutando pela transição do governo para um regime democrático, exigindo eleições diretas para presidente, algo que não ocorria no país desde 1964, quando a ditadura militar foi instaurada. E com essa mistura começou-se uma ressignificação dos símbolos de brasiliadez até então utilizados pela ditadura, como a bandeira, o hino e a camiseta da seleção brasileira, na busca de restabelecer ideias de esperança e de união para os brasileiros. E com isso as cores foram entrando cada vez mais no conceito, como afirma Bira Menezes, um dos publicitários responsáveis pela elaboração da campanha que promoveu o movimento, em entrevista ao jornalista Samuel Nunes para o G1:

Nas ruas, o povo usava o amarelo como um uniforme. “Primeiro, eu pensei que mais importante era ter uma cor. (...) Decidimos pelo amarelo porque é uma cor brasileira. Tinha sido usado por 20 anos pela ditadura, já não era mais do povo. O amarelo seria recriado pelo povo, de várias formas”, conta Bira (MENEZES, 2014 apud NUNES, 2014)

A campanha publicitária de Bira Menezes foi um sucesso e as cores da bandeira brasileira passaram a ser amplamente utilizadas pelo movimento "Diretas Já". Cartazes, faixas e bandeiras com as cores verde, amarelo e azul podiam ser vistas em todas as manifestações e passeatas do movimento.

Segundo ele, com a ampliação do movimento a favor das eleições diretas para presidente, vários logotipos com a expressão “Diretas Já” surgiram. O amarelo da campanha inicial, porém, prevaleceu. “Eu tive a certeza de que a

gente tinha acertado não só pela aprovação, quando, na Rede Globo, naquele programa de retrospectiva, o Cid Moreira falou que o Brasil havia sido pintado de amarelo", lembra o publicitário. (MENEZES, 2014 apud NUNES, 2014)

Figura 12 (à esquerda): Imagem de rascunhos de cartazes do movimento Diretas Já 1

Figura 13 (à direita): Imagem de rascunhos de cartazes do movimento Diretas Já 2



Fonte: <<https://g1.globo.com>> acesso em 18/06/2023

Esse caminho traçado do futebol até o movimento, pode ser resumido na frase que o então jogador e manifestante do Diretas Já, Walter Casagrande Júnior, hoje em dia comentarista, disse sobre sua relação com a camiseta da seleção na época: "Eu nunca vesti a camisa da CBF nem a da CBD, eu vesti a camisa do Brasil."

Após o "Diretas Já", outro movimento utilizou-se das cores da bandeira e da camiseta da seleção brasileira como elemento identitário, com o principal intuito de chamar atenção para si. O movimento "Cara Pintada" ocorreu em 1992, durante o mandato do presidente Fernando Collor de Mello. O movimento foi liderado por estudantes universitários e exigia o impeachment do presidente, que era acusado de corrupção e outros crimes. A mobilização recebeu esse nome porque muitos manifestantes pintaram seus rostos com tinta para protestar, resposta a um pronunciamento que o então presidente fez pedindo para as pessoas que acreditavam nele irem para a rua vestidas de verde, amarelo, azul e branco, ressaltando que o povo assim estaria demonstrando apoio, com fé na ordem e no progresso, discurso ufanista muito parecido com o que se faziam na ditadura, em uma última tentativa para tentar evitar seu impeachment.

E como contestação e subversão dos valores sugeridos por Collor, os estudantes pintaram o rosto de verde, amarelo e preto, fazendo uma conexão entre

os valores que se tinha de Brasil e de poder simbólico que o “Diretas Já” atribuiu ao desejo de construir um país democrático.

Figura 14: Imagem manifestações Caras Pintadas



Fonte: <[Memória Globo](#)> acesso em 21/03/2023

Em resumo, a relação entre a ditadura militar no Brasil, o futebol e sua camiseta é complexa e multifacetada. Embora tenha sido usada pelo governo como uma ferramenta de propaganda, a seleção também foi pivô para a criação de um espaço de resistência e contestação. Hoje em dia, a camiseta verde e amarela é vista por muitos como um símbolo do Brasil e do futebol, mas sua associação com a ditadura até este momento é lembrada por alguns como um lembrete das tensões políticas do passado. E ainda é utilizada em contextos políticos, com novas tentativas de criar uma identidade nacional com valores ufanistas, como o caso do bolsonarismo, movimento político que tem como principal líder o presidente Jair Bolsonaro. Essa associação pode ser percebida em manifestações e eventos que contam com a presença de apoiadores do antigo governo (2018-2022), que vestem a camiseta da seleção como forma de demonstrar apoio à figura de Bolsonaro e suas ideias. Essa apropriação do símbolo da seleção brasileira para fins políticos e ideológicos pode ser vista como uma continuidade da estratégia utilizada durante a ditadura militar, na qual o governo buscava unificar a população em torno de uma ideologia nacionalista.

4.3. Jornadas de Junho

Ao considerar a relação entre a ditadura militar no Brasil, o futebol e a camiseta da seleção brasileira, é importante observar como esses elementos se conectam aos movimentos e eventos mais recentes. Um marco importante nesse contexto foram as Manifestações de 2013, que tiveram origem em reivindicações por melhorias nas condições sociais e políticas do país. Durante esses protestos, vários símbolos nacionais foram utilizados, incluindo a camiseta da seleção brasileira, como forma de expressar o descontentamento com a situação política vigente.

As Manifestações de 2013 tiveram início como uma resposta aos problemas sociais e políticos enfrentados pelo Brasil naquela época. O movimento teve origem em reivindicações por melhorias nas áreas de transporte público, educação, saúde e combate à corrupção. O estopim das manifestações foi o aumento das tarifas de ônibus em algumas cidades do país, o que gerou um sentimento de indignação e mobilizou os cidadãos a irem às ruas.

Durante as manifestações, milhares de pessoas se uniram em diversas cidades brasileiras, buscando chamar a atenção das autoridades para as demandas populares. Com cartazes, faixas, gritos de ordem e o uso de símbolos nacionais, como a bandeira do Brasil e a camiseta da seleção, os manifestantes reivindicaram mudanças estruturais na sociedade.

Figura 15 (à esquerda): Imagem das manifestações de junho de 2013 1

Figura 16 (à direita): Imagem das manifestações de junho de 2013 2



Fonte: <<https://jacobin.com.br/> e <https://pt.wikipedia.org/>> acesso em 18/06/2023

No decorrer das manifestações, a pauta foi ampliada, abrangendo uma série de questões sociais e políticas. O movimento ganhou força e foi marcado por uma diversidade de vozes e demandas, refletindo a insatisfação generalizada da população com a situação do país. Houve debates sobre a representatividade política, a corrupção, os gastos públicos com a Copa de 2014, a precariedade dos serviços básicos, entre outros temas.

Apesar de não terem alcançado todas as transformações desejadas, esses protestos desencadearam um processo de visibilidade política e social, influenciando as discussões e mobilizações que se seguiram nos anos posteriores. Essa conexão entre o futebol, a camiseta da seleção e as demandas sociais presentes nas manifestações reforça a conexão do esporte como espaço de expressão e contestação política na esfera social.

Posteriormente, as falas do então deputado, Jair Bolsonaro, tornaram-se parte importante da discussão política no País. Frequentemente, ele utilizava um discurso nacionalista e fazia referências ao verde e amarelo como uma forma de criar uma identidade nacional que reforce sua base de apoio. Anos depois, durante sua candidatura ao cargo de Presidente da República, em manifestações pró-Bolsonaro, era comum ver apoiadores vestindo a camiseta da seleção e fazendo uso de falas que evocam o sentimento de união e orgulho nacional, alinhadas às ideias propagadas pelo presidente.

Essas manifestações também foram marcadas por um vestuário específico, com o uso de roupas e adereços que remetem à identidade brasileira. Além das camisetas da seleção, era comum ver bandeiras, bonés, faixas e outros acessórios que carregavam mensagens de apoio a Bolsonaro e suas ideias. Essa estética e as falas utilizadas durante as manifestações refletem uma apropriação política da camiseta da seleção brasileira, buscando unir a população em torno de uma ideia comum e criar uma identidade coletiva baseada em valores ufanistas e nacionalistas.

A utilização da camiseta como símbolo político e ideológico reflete uma estratégia adotada durante a ditadura militar, em que o governo buscava unificar a população em torno de uma ideologia patriótica. Esses eventos e discursos contemporâneos demonstram como a camiseta da seleção brasileira continua a ser um elemento complexo e que apesar das suas várias ressignificações e utilização

nos mais diversos momentos da história, é carregada de significados políticos, muito relevantes no jogo público e social do país.

4.4. O surgimento do bolsonarismo

No artigo escrito para a revista *Memoria Académica* da Universidad Nacional de La Plata, *O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais* (2019), de Edilson da Silva e Simoni Lahud Guedes, as manifestações de 2013 no Brasil foram caracterizadas pela defesa de uma causa comum, mas atualmente, isso se tornou impraticável. O sem-número de mobilizações populares organizadas tanto como forma de apoio quanto de repúdio a eventos como o impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT), o julgamento e a prisão do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT), as campanhas dos candidatos à presidência Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro (PSL) etc., são prova cabal e incontestável disso. Em tais manifestações, ao invés da defesa de uma causa comum, passaram a se colocar frente a frente duas diferentes concepções de mundo, duas agendas políticas e dois projetos de Brasil. Portanto, o bolsonarismo é um dos muitos movimentos políticos que surgiram após as manifestações de 2013 no Brasil.

No ano seguinte, ocorreu a Copa do Mundo de 2014 no Brasil, que foi um evento de grande importância para a discussão sobre a relação entre o futebol, a identidade nacional e as manifestações sociais. O torneio despertou um misto de expectativa e euforia no país, com a esperança de que a seleção brasileira pudesse conquistar o hexacampeonato em casa. No entanto, o histórico 7x1 sofrido pelo Brasil nas semifinais contra a Alemanha abalou não apenas o desempenho esportivo da equipe, mas também teve um impacto profundo na percepção do brasileiro sobre a imagem construída do país e do futebol.

Esse resultado em campo foi interpretado por muitos como uma metáfora dos problemas mais profundos enfrentados pela nação. A derrota acachapante evidenciou fragilidades em diversos aspectos, como infraestrutura, investimentos, gestão esportiva e a própria autoestima do brasileiro. A visão idealizada de um Brasil vitorioso no futebol foi abalada, confrontando a narrativa de um país do futebol com a realidade de desigualdades sociais, corrupção e falta de investimentos em áreas prioritárias, a compensação por tudo o que o país não

realiza que o futebol oferecia, como disse Wisnik citado por Kupper (2018), deixou de ser satisfatória.

Além disso, é importante destacar que a classe média, que frequentemente ocupava os estádios de futebol como espectadores e também participou ativamente das manifestações sociais, foi diretamente impactada pelo resultado da Copa de 2014. Essa mesma classe média que se sentiu frustrada com a derrota em campo também se viu representada nas ruas, protestando por mudanças e cobrando melhorias nas áreas de educação, saúde, segurança e transparência política. Essa conexão entre o público que vai ao estádio e o público que vai às manifestações revela a ligação entre as demandas sociais e a paixão pelo futebol, evidenciando como essas esferas estão interligadas na percepção e ação dos brasileiros.

Assim, a Copa de 2014 e o histórico 7x1 contra a Alemanha provocaram um impacto profundo na visão do brasileiro em relação ao país e ao futebol. A derrota expôs fragilidades estruturais e trouxe à tona questões mais amplas sobre a sociedade brasileira. Esse momento de reflexão e autocrítica impulsionou a necessidade de repensar as narrativas construídas em torno do futebol e da identidade nacional, questionando estereótipos e buscando uma visão mais realista e crítica sobre o país e suas aspirações.

Jair Bolsonaro, aproveitando-se da visão fragilizada do Brasil e dos brasileiros após a derrota na Copa de 2014 e das demandas sociais expressas nas manifestações, construiu sua pauta e agenda política, dando origem, de maneira proposital ou não, ao fenômeno do bolsonarismo.

Desta forma, a agenda política do bolsonarismo, caracterizada por uma retórica nacionalista e conservadora, foi se espalhando gradualmente por todo do país, se utilizando dos símbolos nacionais para promover sua ideologia. O artigo de Edilson da Silva e Simoni Lahud Guedes, citado anteriormente, menciona que as políticas defendidas pelo bolsonarismo foram associadas as mais diversas pautas, como a defesa da família tradicional, a oposição ao aborto e à legalização das drogas, a defesa do porte de armas, a crítica ao "globalismo" e ao "marxismo cultural", entre outras. O artigo também destaca que uma das estratégias adotadas pelo bolsonarismo foi a de se apresentar como uma alternativa à esquerda política brasileira e a busca em mobilizar eleitores descontentes, agora não só com o resultado da Copa do Mundo, com as questões de educação, saúde pública e preço do transporte público, mas também com os partidos tradicionais.

O artigo sugere que uma das possíveis vias para o surgimento do bolsonarismo pode ser vislumbrada a partir de uma análise dos discursos e práticas adotados por uma parcela dos participantes e/ou simpatizantes das Jornadas de Junho que, com base numa leitura enviesada do movimento, se investiram da condição de seus legítimos herdeiros, tomando-o para si como uma espécie de legado.

Bolsonaro soube captar a insatisfação da classe média e utilizar a narrativa de mudança e combate à corrupção como bandeiras de sua campanha eleitoral, conquistando apoio e seguidores.

Nesse contexto, a bandeira nacional ganhou uma simbologia ainda mais forte para o bolsonarismo. Utilizada como um símbolo de pátria e nacionalismo, a bandeira associa-se ao movimento como forma de representar os anseios de uma parcela da população que buscava por uma identidade coletiva e valores tradicionais. O uso da bandeira como um símbolo de patriotismo tornou-se recorrente nas manifestações e eventos promovidos pelo bolsonarismo, reforçando a ideia de uma nação unida em torno de uma agenda política específica.

A abertura do artigo de Silva e Guedes menciona a frase de 2021 em que Bolsonaro, já Presidente da República, afirma que a bandeira "jamais será vermelha" e só será vermelha se for preciso derramar sangue para mantê-la verde e amarela. O artigo argumenta que essa retórica é uma forma de expropriar os símbolos nacionais de outras partes da sociedade brasileira, como de uma nação gloriosa, como também ocorreu na ditadura. Além disso, a direita política brasileira acabou por monopolizar o uso do verde-amarelo e, por esta via, procurou se constituir na única portadora de uma narrativa legítima sobre o Brasil.

O "segundo sequestro do verde e amarelo" mencionado no título do artigo, que neste exemplo seria uma alusão às ações e caminhos perseguidos por Jair Bolsonaro e seus seguidores, é uma referência à apropriação política dos símbolos nacionais, como a bandeira e o hino nacional, o que ocorreu também em outros dois períodos históricos no Brasil: a Proclamação da República em 1889 e parte da ditadura militar de 1964-1985. Esses símbolos foram usados para promover uma ideologia política específica e o futebol foi usado para reconciliar o povo com esses símbolos. Dessa forma, percebe-se que Jair Bolsonaro se apropriou da fragilidade da visão do Brasil e dos brasileiros, bem como da narrativa das manifestações, para

construir sua própria plataforma política, fazendo também um “sequestro verde e amarelo”.

Adicionalmente a tais fatos, as organizações de futebol, em particular a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e a FIFA, têm sido marcadas por um extenso histórico de corrupção, conforme destacado por Claudia Allen (2015). Autoridades americanas acusaram pelo menos 14 executivos da FIFA de lavagem de dinheiro, suborno e formação de quadrilha para extorsão, ilustrando a extensão dessas práticas ilícitas na esfera do futebol. A CBF, não diferente, tem enfrentado inúmeras alegações de corrupção ao longo dos anos, o que aponta para a inserção de interesses privados e políticos na administração do esporte.

É nesse cenário que se insere a estratégia do bolsonarismo de reiterar o uso da "amarelinha". Tal atitude é particularmente paradoxal, considerando que este governo se autodenomina como o símbolo do "fim da corrupção". De fato, apoiou veementemente as manifestações que pediam a saída de um governo apontado como "corruPTos". Portanto, há uma aparente dissonância entre a prática do bolsonarismo e seu discurso, uma vez que este se alinha, de forma contraditória, com a trajetória de corrupção associada à CBF e à FIFA.

Mesmo diante desse panorama de escândalos de corrupção, a Copa do Mundo continua sendo o evento mais assistido em todo o mundo (ALLEN, 2015). Essa observação evidencia o quanto enraizado o futebol está na cultura brasileira e global, apesar das práticas corruptas de suas instituições de gerenciamento.

Em suma, a conexão entre as organizações de futebol, o bolsonarismo e a "amarelinha" desvenda as intrincadas relações entre futebol e política, apontando como esses dois domínios podem se influenciar mutuamente. As implicações da corrupção na CBF e na FIFA, bem como a associação do bolsonarismo a essas práticas, são um reflexo e um perpetuador de problemas sistêmicos dentro dessas esferas.

4.5. O surgimento da estética *brazilcore* e seu contexto histórico

Durante os quatro anos de governo de Jair Bolsonaro, o Brasil foi palco de uma série de transformações políticas, sociais e culturais. A bandeira verde e amarela, que antes havia sido apropriada pelo bolsonarismo como símbolo de sua

agenda política, passou a ser associada a uma polarização intensa, assim como a “amarelinha”, e relacionada também a diversas controvérsias e esquemas de corrupção da CBF e FIFA. Diante disso, principalmente em 2022, perto das eleições e Copa do Mundo, surgiram movimentos e iniciativas visando desatrelar o verde e amarelo da figura de Bolsonaro e resgatar seu significado original de símbolo nacional e de unidade.

Esses movimentos de desvinculação tiveram como objetivo principal reverter a apropriação política da bandeira e resgatar sua representação como um símbolo de diversidade, inclusão e amor ao país. Diversos setores da sociedade civil, como artistas, intelectuais, ativistas e movimentos sociais, se engajaram nesse processo, promovendo ações e campanhas que buscavam resgatar o caráter plural e democrático do Brasil.

Um exemplo de iniciativa nesse sentido foi a criação de movimentos e coletivos que, associados a hashtags como #ABandeiraÉNossa, #DevolvamANossaBandeira e #RetomadaDaBandeira, utilizavam o verde e amarelo em suas ações, mas com uma proposta de inclusão e respeito à diversidade. Esses grupos, através de tais campanhas nas redes sociais, buscavam transmitir uma mensagem de que o Brasil é formado por múltiplas vozes e identidades, e que todos têm o direito de se sentir representados pela bandeira nacional.

Além disso, houve uma mobilização em busca de resgatar o sentido original do verde e amarelo em eventos esportivos e culturais. Torcidas organizadas, artistas e outros grupos passaram a utilizar as cores da bandeira de forma independente de conotações políticas, destacando a importância do esporte, da cultura e da diversidade como pilares fundamentais do país.

Esses esforços para desatrelar o verde e amarelo do bolsonarismo refletem a busca por uma reconciliação com a própria identidade nacional, promovendo uma visão mais inclusiva e plural do Brasil. É uma tentativa de resgatar o sentido de união e orgulho que bandeiras tendem a representar, desvinculando-a de qualquer ideologia política específica e enfatizando sua conexão com a diversidade cultural e social do país.

Os movimentos associados a essas hashtags citadas anteriormente representam uma reivindicação do espaço simbólico que a camiseta da seleção brasileira ocupa, desafiando a apropriação exclusiva do uniforme por uma ideologia política específica. Eles atuam não apenas na retomada das cores da bandeira, mas

também na redefinição de sua simbologia, para que reflita a pluralidade e complexidade da sociedade brasileira. Dessa forma, a camiseta da seleção se torna uma tela na qual diferentes visões de Brasil podem ser expressas, dando lugar a um diálogo mais aberto e inclusivo sobre a identidade nacional.

No mesmo momento em que tal parcela da sociedade buscava desvincular o bolsonarismo verde e amarelo da imagem do Brasil como um todo, e resgatar as cores nacionais como símbolos de diversidade e pluralidade, surge um movimento estético intitulado de *brazilcore*.

Entre julho e agosto de 2022, faltando poucos meses para o ínicio Copa do Mundo, a estética mostra-se inicialmente de maneira orgânica, com diversas celebridades digitais brasileiras e estrangeiras postando fotos com a camiseta da seleção brasileira, em uma tentativa de criar uma visão mais inclusiva e autêntica do Brasil.

A popularização da estética *brazilcore* é um fenômeno interessante, pois está levando elementos da cultura futebolística e da identidade brasileira para o mundo da moda. O uso de símbolos como as camisas da seleção brasileira, as cores da bandeira e outros elementos estéticos do futebol têm sido resgatados e incorporados por influenciadores de moda e fashionistas, tanto nacionalmente como internacionalmente, como citado anteriormente dentro do estilo “*Blockcore*”.

O *brazilcore* tem sido visto em diferentes contextos, um deles o Coachella, um dos maiores festivais de música do mundo, onde artistas como Anitta adotaram essa estética em seus figurinos. No entanto, é importante ressaltar que, mesmo antes do termo *brazilcore* surgir, as camisas da seleção e outros símbolos do futebol sempre tiveram um valor e uma importância cultural nas favelas e periferias brasileiras.

Figura 17 (à esquerda): Imagem de Anitta em apresentação no Coachella 2022

Figura 18 (à direita): Imagem do palco da Anitta em apresentação no Coachella 2022



Fonte: <<https://www.yahoo.com/> e <https://www.metroworldnews.com.br/>>

Na estética periférica, o uso da camiseta da seleção brasileira destaca elementos culturais das comunidades periféricas, como o samba, o funk, o grafite e a moda urbana, para reafirmar a importância dessas expressões na construção da identidade brasileira. Diferente do *brazilcore* que busca uma vinculação dos elementos e simbolismos do Brasil puramente como moda dentro do universo fashion, a utilização das camisetas de time na periferia se posiciona como um movimento de resistência, valorizando a diversidade e promovendo uma representação visual mais autêntica do país.

Essa valorização estética do futebol nas comunidades periféricas é uma parte intrínseca da cultura local brasileira. O esporte é um pilar nas ruas das favelas e seus símbolos e uniformes são desejados e ostentados com orgulho. No entanto, há uma reflexão crítica a ser feita em relação à forma como essa estética é percebida. Por muito tempo, as camisas da seleção e outros elementos do futebol foram considerados bregas quando usados por pessoas pretas e periféricas, porém no momento que famosos e uma classe elitizada e majoritariamente branca começou a aderir a então tendência do *brazilcore*, a utilização das camisetas em um contexto outro, que não o de torcida dos jogos da seleção, passa a ser visto como estiloso e fashionista.

A ascensão do *brazilcore* traz uma dualidade para quem cresceu nas periferias. Por um lado, é positivo ver a estética brasileira sendo valorizada globalmente. Por outro lado, questiona-se por que essa valorização só ocorre quando adotada por determinados grupos. Influenciadores que antes criticavam o

uso de camisas de futebol agora as ostentam com orgulho, falando sobre o *brazilcore*. Esse fato traz uma união em torno da bandeira e do futebol, mas também levanta questionamentos sobre a percepção seletiva dessa estética.

Acredita-se que o retorno e a ressignificação da estética brasileira estejam relacionados não apenas à aproximação da Copa do Mundo de 2022 e ao status do Brasil como país do futebol, mas também a diversos artistas que estão usando sua influência para destacar a importância de retomar o verde e amarelo. Por exemplo, Djonga fez uso da camisa da CBF durante uma de suas apresentações, em um movimento paralelo à Anitta que, por sua vez, incorporou as cores da bandeira brasileira em seu traje durante o festival Coachella. Simultaneamente, Anitta posicionou uma maquete de uma favela como destaque no cenário atrás de si.

Figura 19 (à esquerda): Captura de tela do vídeo da Nike para a Copa do Mundo de 2022

Figura 20 (à direita): Imagem do cantor Djonga em show



Fonte: <<https://oglobo.globo.com/> e <https://www1.folha.uol.com.br/>> acesso em 18/06/2023

Iza, com seu clipe “Gueto” e Daniela Mercury, em um show de celebração do dia do trabalho, são algumas outras artistas que desempenharam um papel importante na disseminação da retomada de uma estética tipicamente brasileira (verde e amarela) buscando atribuir outros símbolos a camisa da seleção e a bandeira.

Figura 21 (à esquerda): Imagem da cantora Daniela Mercury em show

Figura 22 (à direita): Imagem da cantora IZA em videoclipe



Fonte: <<https://www1.folha.uol.com.br/>> acesso em 18/06/2023

É essencial não esquecer as comunidades periféricas que, em suas origens, sempre abraçaram e expressaram a cultura do futebol de forma autêntica ao reconhecer e valorizar a estética azul, verde e amarela. Embora seja positivo observar os símbolos do país e do futebol sendo valorizados no contexto da moda e de outros mercados, é importante lembrar onde tudo isso teve início e quem foi o verdadeiro precursor.

No entanto, é importante destacar que, à medida que a estética *brazilcore* ganha popularidade, há uma tendência à elitização e à tentativa de afastar-se dos valores primários da estética brasileira associada à camiseta da seleção do Brasil. Essa abordagem busca desassociar os significados comumente atribuídos ao verde e amarelo e recontextualizá-los em uma perspectiva exclusivamente focada na moda, com um viés capitalista e comercial.

Essa elitização da estética *brazilcore* é perceptível em algumas manifestações da moda, onde as referências ao futebol e à cultura popular são filtradas e reinterpretadas de acordo com os padrões e valores da indústria fashion. Nesse processo, os elementos genuínos da cultura brasileira podem ser diluídos, minimizados ou até mesmo descartados em favor de uma estética mais comercialmente viável e adaptada ao contexto global.

É comum observar a apropriação seletiva de elementos da cultura do futebol e dos símbolos nacionais, como a camiseta da seleção, sendo incorporados a coleções de grifes de luxo ou marcas de moda de elite. Nesses casos, os significados originais desses símbolos são muitas vezes subvertidos em prol de uma estética descontextualizada e desprovida de conexão com a realidade vivida pela maioria dos brasileiros.

Essa abordagem exclusivamente focada na moda e na elitização da estética *brazilcore* pode resultar em uma desvalorização dos valores mais autênticos e primários associados ao verde e amarelo, bem como à cultura futebolística do Brasil, uma vez que esses símbolos são carregados de significados que transcendem o aspecto puramente estético ou da moda. A ênfase é deslocada para a estética em si, em detrimento das histórias, das identidades e das lutas que esses símbolos representam para muitos brasileiros.

É importante reconhecer que a estética *brazilcore* pode ser uma expressão válida de criatividade e de liberdade artística. No entanto, é essencial que essa expressão seja enriquecida pelo respeito à cultura de origem e às narrativas que a cercam, evitando-se a sua cooptação superficial e descontextualizada.

No imaginário coletivo, é uma tarefa desafiadora e pouco viável separar completamente os valores que foram historicamente atribuídos ao verde e amarelo. A camiseta da seleção e a bandeira do Brasil têm sido símbolos poderosos de brasiliade ao longo da história, representando valores coletivos da nação. Por mais que se tente manipular esses símbolos em uma perspectiva individualizada e distante de suas conotações coletivas, a conexão intrínseca com a identidade nacional permanece.

Apesar das tentativas de manipulação e apropriação desses símbolos para fins individuais ou ideológicos, a essência coletiva desses símbolos continua a prevalecer. Eles representam a diversidade e a pluralidade do povo brasileiro, transcendendo fronteiras geográficas, culturais e políticas. São emblemas que recordam as raízes, a história e o potencial do Brasil como nação.

Esses valores coletivos, intrínsecos à camiseta da seleção e à bandeira, não podem ser facilmente apagados ou subvertidos. Por mais que se tente manipulá-los para servir a agendas individuais, eles permanecem ancorados na consciência coletiva dos brasileiros, mesmo que cada vez mais agregados de significados. A camiseta da seleção e a bandeira do Brasil continuam a ser representações

inegáveis de brasiliade, incorporando a identidade nacional e os ideais compartilhados pela nação como um todo. Esses símbolos transcendem o âmbito individual, servindo como lembretes tangíveis dos momentos de união, glória e esperança coletiva. Independente das manipulações ou tentativas de individualização, eles permanecem como pilares da diversidade e valores da cultura brasileira, sempre na tentativa de unir todo o país em torno de um objetivo comum.

No decorrer do tempo, a camiseta da seleção brasileira de futebol tem sido um palimpsesto das convulsões sociais, políticas e culturais do Brasil. Inicialmente, durante a ditadura militar, o uniforme foi apropriado como um símbolo da identidade nacionalista, sendo utilizado como um instrumento de propaganda para transmitir uma imagem unificada e forte do país, apesar dos sérios problemas sociais e políticos subjacentes. Na esfera da estética periférica, o uniforme adquiriu um novo significado, tornando-se um símbolo de resistência e sonho de ascensão social. O futebol, e a camiseta da seleção por extensão, são parte integrante da cultura da periferia, proporcionando uma saída simbólica e literal das adversidades socioeconômicas.

Nos anos recentes, com o advento do bolsonarismo, a camiseta foi novamente apropriada como uma representação visual da ideologia política de direita do presidente. O verde e amarelo do uniforme foram transformados em um estandarte do conservadorismo e nacionalismo extremo. Contudo, a camiseta da seleção é também um símbolo de resistência e luta contra o mesmo conservadorismo e autoritarismo que ela foi usada para promover, com o surgimento desse movimento que buscou reaver o significado das cores da seleção, desatrelado do bolsonarismo, e a uma ação subjacente, mas elitizada, o *brazilcore*. Portanto, as mudanças de significado da camiseta da seleção brasileira ao longo do tempo revelam uma dinâmica de conflito, resistência e reinterpretação contínua na sociedade brasileira.

5. ANÁLISE DE REPRESENTAÇÕES VISUAIS DA CAMISETA DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL

Com o objetivo de investigar a aplicação prática das manifestações mencionadas na camiseta da seleção brasileira, assim como compreender a construção narrativa e a tradução visual dessas experiências para o povo brasileiro, este capítulo conta com uma análise de imagens que visa explorar as associações e os significados adicionais associados a cada uma das mensagens presentes, demonstrando como os valores representados pela estética periférica, bolsonarismo e *brazilcore* se utilizam da camiseta da seleção brasileira de futebol como veículo para promover suas respectivas agendas e a ideia que se quer passar.

5.1 Seleção dos materiais e método de análise: uma abordagem ampla

Para investigar de forma abrangente as manifestações representadas na camiseta da seleção brasileira, bem como compreender a construção narrativa e a tradução visual dessas experiências para o povo brasileiro, este capítulo adota uma análise do vestuário das cores, contextos e mensagens denotativas e conotativas das imagens selecionadas. O objetivo é explorar as associações e os significados adicionais associados a cada uma das mensagens presentes, destacando como os valores da estética periférica, do bolsonarismo e do movimento *brazilcore* se apropriam da camiseta da seleção brasileira de futebol como veículo para promover suas respectivas agendas e ideias.

A seleção dos materiais para análise baseia-se em fontes que melhor exemplificam tais representações. Primeiramente, foram coletados materiais do bolsonarismo, incluindo manifestações e aparições públicas do ex-presidente. Essas fontes oferecem uma visão aprofundada das representações associadas ao bolsonarismo na camiseta. Em segundo lugar, foram consideradas as contribuições da estética periférica, obtidas por meio de redes sociais de fotógrafos que vivem nas comunidades e possuem uma compreensão íntima do dia a dia e das formas de expressão locais. Por fim, foi analisada a estética *brazilcore*, explorando as roupas usadas por celebridades da internet que se tornaram virais dentro dessa tendência, assim como suas primeiras aparições online.

Ao combinar essas diferentes fontes, pretende-se obter uma análise abrangente e multifacetada das manifestações presentes na camiseta da seleção brasileira, fornecendo uma compreensão mais profunda das mensagens transmitidas e das agendas promovidas por cada uma dessas representações.

5.2 Análise das imagens

5.2.1 Estética Periférica

A estética periférica é composta por um conjunto complexo e diversificado de signos, que se manifestam de maneiras distintas em diversos locais, como o pagode e/ou o funk, em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Salvador. Na moda, cada expressão tem suas particularidades e semelhanças, mas há um elemento que une a maioria delas: as camisetas de time, que fazem parte do vestuário e da identidade periférica. Nesta seção, serão apresentadas imagens provenientes de páginas do Instagram que valorizam a cultura periférica, assim como fotografias de artistas que têm como objetivo retratar o cotidiano dessa realidade.

As imagens selecionadas proporcionam uma visão abrangente das diferentes formas de expressão da estética periférica por meio das camisetas de time. Elas revelam a presença marcante dessas peças no vestuário dos indivíduos periféricos, bem como sua função como símbolos de identidade e pertencimento.

Figura 23 (à esquerda): Imagem de corte de cabelo

Figura 24 (à direita): Imagem de meninos em escada



Fonte: [Instagram](#) acesso em 23/05/2023

A primeira imagem retrata um garoto preto em pose frontal mostrando o cabelo enquanto segura um óculos, ostentando correntes de ouro em seu pescoço. Seu vestuário é composto por uma camiseta azul da seleção brasileira de futebol, na qual se destaca a inscrição modificada "Amor e progresso" em vez do lema nacional "Ordem e progresso", incluindo, o então excluído "amor" da frase positivista de Auguste Comte: "O Amor por princípio e a Ordem por base; o Progresso por fim.", que deu origem a frase da bandeira. O garoto exibe um penteado curto com a bandeira do Brasil pintada. Essa imagem é evocativa e simbólica, estabelecendo um diálogo com os anseios e aspirações das comunidades periféricas.

A camiseta da seleção brasileira de futebol, utilizada pelo garoto, serve como um elemento de expressão estética periférica. Ao alterar a frase "Ordem e progresso" para "Amor e progresso", há uma subversão consciente e crítica das ideologias dominantes, que são frequentemente alheias às vivências e demandas da periferia, desvinculando-se da concepção tradicionalmente nacionalista e engajada com a elite branca.

Além disso, a presença das correntes de ouro no pescoço do garoto sugere uma apropriação de símbolos de status e sucesso, muitas vezes associados a uma cultura de ostentação. Essa escolha estética reafirma a capacidade da periferia de reinterpretar e transformar elementos culturais hegemônicos, atribuindo-lhes novos

significados e ressignificando-os de acordo com suas próprias experiências e desejos.

Dessa forma, a primeira imagem, ao reunir elementos como a camiseta da seleção brasileira de futebol, as correntes de ouro e a modificação da frase nacional, estabelece um poderoso discurso visual que ressoa com as vivências, aspirações e identidades da periferia. Através dessa representação, a imagem desafia as estruturas de poder dominantes, empoderando a periferia ao reconfigurar e reivindicar a própria estética.

A segunda imagem retrata nove meninos posicionados em pé, em uma escada entre algumas casas. Dentre eles, três meninos estão vestindo a camiseta amarela da seleção brasileira de futebol, enquanto os quatro meninos atrás deles usam a camiseta branca, e outros dois meninos posicionam-se atrás, com a camiseta azul. Essa imagem em grupo, com uma diversidade de camisetas da seleção brasileira, carrega uma poderosa mensagem simbólica que dialoga com a estética periférica e seus anseios e vontades, assim como a anterior.

A escolha de vestir os meninos com diferentes cores de camisetas da seleção brasileira é uma forma de expressão estética que rompe com a uniformidade e amplia as possibilidades de identificação. Essa diversidade de cores representa a multiplicidade de identidades presentes na periferia, desafiando a ideia de uma identidade nacional homogênea e única. Ao adotar essas diferentes camisetas, os meninos manifestam sua individualidade e reafirmam suas próprias histórias e pertencimentos.

Além disso, a posição dos meninos em uma escada entre as casas sugere a noção de ascensão social e superação das adversidades presentes na periferia. A escolha da camiseta da seleção brasileira como parte integrante dessa imagem coletiva reforça a ideia de que o esporte e a representação nacional podem ser ferramentas para a construção de uma identidade positiva e mobilizadora.

Assim, a segunda imagem, por meio da diversidade de camisetas da seleção brasileira utilizadas pelos meninos, estabelece um poderoso símbolo de união, resiliência e superação na estética periférica. Essa representação visual demonstra a capacidade da periferia em se apropriar e reconfigurar elementos culturais, transformando-os em manifestações de identidade coletiva e de resistência frente às adversidades.

Figura 25 (à esquerda): Imagens da marca Piña 1

Figura 26 (à direita): Imagens da marca Piña 2



Fonte: Instagram acesso em 23/05/2023

A primeira imagem retrata um grupo de oito pessoas posicionadas em uma escada coberta com um tapete vermelho, localizada em um prédio histórico de chão e paredes brancas. Essas pessoas representam a marca Piña, cuja loja do Instagram se autodenomina "Brazilian Fashion Store" e enfatiza a "Estética Di Cria". A vestimenta do grupo é composta por roupas predominantemente nas cores verde, amarela e branca, incluindo bodysuits, minissaias, maiôs, regatas e uma saída de praia longa. Além disso, duas das pessoas seguram uma bandeira do Brasil.

A presença dessas roupas com as cores da seleção brasileira e a exibição da bandeira do país demonstram uma forte conexão com a identidade nacional e com a estética periférica. A marca Piña utiliza a moda como uma forma de expressão e valorização da cultura brasileira, principalmente daquela associada às periferias. A escolha das roupas, como bodysuits, minissaias e regatas, remete a um estilo urbano, jovem e em parte litorâneo, alinhado com as tendências da moda periférica, principalmente a carioca.

A localização da cena em um prédio histórico com paredes brancas e o uso de um tapete vermelho criam um contraste visual ao destacar ainda mais as roupas coloridas e chamativas usadas pelo grupo. Essa estética vibrante e marcante reforça a mensagem de empoderamento e afirmação da cultura periférica, transmitindo a ideia de moda como uma forma de expressão poderosa para essas comunidades.

Além disso, a presença da bandeira do Brasil nas mãos de duas pessoas no grupo reforça a conexão com o sentimento patriótico, porém, reinterpretado e apropriado pela estética periférica. Essa apropriação simbólica da bandeira nacional conecta a roupa aos símbolos nacionais. No nível da moda e vestimenta, se conecta a camiseta da seleção brasileira de futebol, atribuindo as roupas das imagens a outros significados e ressaltando a importância da cultura e identidade das periferias na construção da nação brasileira.

Portanto, a primeira imagem retrata a marca Pinã e seu grupo de representantes vestindo roupas que valorizam a estética brasileira e estão fortemente conectadas à cultura periférica. Essa representação visual destaca a capacidade da moda em promover a expressão da identidade nacional e da cultura periférica, desafiando normas estabelecidas e celebrando a diversidade e o poder criativo das comunidades periféricas, conexão que também é feita à camiseta da seleção brasileira de futebol.

A segunda imagem apresenta quatro mulheres negras com cabelos crespos e cacheados em uma posição de câmera de baixo para cima. Ao fundo, pode-se observar uma loja vermelha localizada em uma favela. A mulher posicionada à esquerda veste um biquíni branco com bordas azuis, no qual a bandeira do Brasil é colocada no lado esquerdo do sutiã. Ela também segura uma bolsa pequena semelhante à bandeira do Brasil. A mulher mais à direita veste um shortinho amarelo com bordas verdes, no qual está escrito "Brasil" na parte de trás, e uma camiseta estilizada da seleção brasileira de futebol, que foi cortada na altura do peito.

Nessa imagem, as roupas e acessórios utilizados pelas mulheres são projetados para valorizar e vender uma estética brasileira associada à cultura periférica, assim como na imagem anterior. A escolha do biquíni branco com bordas azuis e da bolsa feita com a bandeira do Brasil na mão da mulher à esquerda da imagem ressalta o orgulho e a conexão com a identidade nacional. Essa apropriação da bandeira como um elemento de moda destaca uma expressão de resistência e afirmação da cultura periférica, ao reinterpretar e atribuir novos significados aos símbolos nacionais.

Por sua vez, a mulher à direita veste um shortinho amarelo com bordas verdes, que remete às cores da seleção brasileira de futebol, e uma camiseta estilizada. Essa escolha de vestuário é uma manifestação da conexão entre a

estética periférica e o esporte mais popular do país. A camiseta modificada representa uma reinterpretação da imagem tradicional da seleção brasileira, adequando-a aos anseios e vontades das comunidades periféricas, assim como foi feito de maneira mais radical na imagem anterior.

A presença das quatro mulheres negras com cabelos crespos e cacheados, e o elenco majoritariamente negro na imagem anterior, reforça a conexão da periferia com valorização da beleza negra e a representatividade étnica nas imagens da moda periférica.

5.2.2 Bolsonarismo

O governo de Jair Bolsonaro marcou um período significativo na história recente do Brasil, tendo durado de janeiro de 2019 a dezembro de 2022. Desde antes de sua eleição como presidente, Bolsonaro conquistou uma enorme adesão por parte de uma parcela significativa da população brasileira por meio de seus discursos e posicionamentos políticos. Nesta seção, serão apresentadas imagens do próprio Bolsonaro e de manifestações em apoio ao seu governo.

As imagens selecionadas retratam a figura de Jair Bolsonaro e os momentos emblemáticos de sua campanha presidencial e mandato. Elas fornecem um olhar visual sobre a popularidade e o impacto que suas ideias e políticas tiveram na sociedade brasileira. Com essas imagens, pode-se explorar a estética visual utilizada pelo bolsonarismo para transmitir sua mensagem e mobilizar seus apoiadores.

As manifestações pró-Bolsonaro capturadas nessas imagens revelam a dimensão do apoio e entusiasmo gerado em torno de seu mandato presidencial. Com o auxílio de cartazes, bandeiras e roupas com mensagens de apoio, os manifestantes expressam sua adesão às ideias e à liderança de Bolsonaro. Analisar essas imagens nos permitirá compreender como a estética visual do bolsonarismo se apresenta nas manifestações e eventos pró-governo, bem como o impacto que essas representações tiveram na sociedade brasileira durante seu governo.

Figura 27 (à esquerda): Imagem de Jair Bolsonaro vestindo camiseta em campanha

Figura 28 (à direita): Imagem de Jair Bolsonaro recebendo camiseta da seleção



Fonte: <<https://www.conversaafiada.com.br/>> e <<https://www.dw.com/>> acesso em 23/05/2023

Ao examinar as imagens de Jair Bolsonaro, poderemos observar os elementos visuais utilizados para construir sua imagem pública e comunicar sua mensagem política. Isso inclui sua postura, gestos e expressões faciais, que desempenham um papel importante na construção da narrativa em torno de sua figura política. A imagem de Jair Bolsonaro vestindo uma camiseta amarela com a frase "Meu partido é o Brasil" em verde pode ser lida como uma maneira visualmente eficaz de promover sua agenda política. Nesta análise, foi considerado tanto o uso de cores quanto o texto como elementos que geram significado.

Primeiramente, a camiseta amarela evoca a cor predominante na bandeira brasileira e na camisa da seleção nacional de futebol. Este uso da cor amarela, portanto, parece ser um esforço para associar Bolsonaro diretamente ao Brasil e ao futebol, uma paixão nacional reconhecida. Desta forma, Bolsonaro não apenas se posiciona como um patriota, mas também se vincula a uma das expressões mais emblemáticas da cultura brasileira, o futebol.

A frase "Meu partido é o Brasil", por sua vez, sugere uma abordagem política acima das divisões partidárias. Bolsonaro aqui busca se posicionar como alguém que prioriza os interesses do Brasil acima de qualquer filiação partidária. Isso é interessante em um contexto onde a camiseta da seleção brasileira de futebol, como apontada anteriormente, tem sido usada para transmitir mensagens políticas e ideológicas. Bolsonaro, ao vestir a camiseta com essa frase, e ao receber a camiseta assinada dos jogadores, apela para uma sensação de união e identidade nacional acima das diferenças políticas, assim como para uma noção de país vencedor, uma vez que está recebendo a camiseta de duas pessoas que vestem uma medalha.

A presença de Bolsonaro na imagem também está carregada de significado. Sua figura política é associada tanto ao bolsonarismo quanto, em um sentido mais amplo, à história política brasileira recente. Sua presença na foto reforça o argumento de que a camiseta da seleção é um veículo para a promoção de agendas políticas.

A camiseta de Bolsonaro pode ser interpretada como um símbolo que carrega uma expressão visível (a camiseta amarela com a frase) e um sentido associado (a identidade e agenda política de Bolsonaro). Esses dois aspectos, entretanto, não mantêm uma relação imutável ou estável, sendo passíveis de diferentes interpretações, inserções contextuais e manipulações. Portanto, essa imagem oferece um para explorar como a camiseta da seleção é usada para transmitir e disputar significados políticos e sociais no Brasil contemporâneo. A imagem ilustra como essa peça de vestuário pode ser apropriada e ressignificada, tornando-se um objeto cultural que reflete e contribui para as tensões e contradições da sociedade brasileira. Ela também reforça a ideia da camiseta da seleção brasileira de futebol como um símbolo cultural complexo e com múltiplas facetas.

Figura 29 (à esquerda): Imagem de manifestação pró-Bolsonaro em 2018

Figura 30 (à direita): Imagem de manifestação pró-Bolsonaro em 2022



Fonte: <agenciabrasil.ebc.com.br/ e www.otempo.com.br/> acesso em 23/05/2023

A primeira imagem retrata uma multidão vestindo camisetas nas cores verde e amarela, carregando bandeiras do Brasil, em frente ao Palácio do Planalto, em Brasília. O cenário e a indumentária dos participantes retratam o ambiente de uma manifestação política, que se confirma por meio das mensagens presentes nas

placas carregadas pelos indivíduos: "E o golpe, PT?", "Bolsonaro", "17" (em referência ao número de campanha de Bolsonaro em 2018) e "Fora corruPTos".

A imagem apresenta a utilização da camiseta da seleção brasileira como uma forma de manifestação política contra o Partido dos Trabalhadores (PT) e em apoio a Jair Bolsonaro. Ao adotar a vestimenta, cujas cores remetem à bandeira nacional, os manifestantes buscam representar um ideal de brasiliade que, em seu entendimento, opõe-se ao representado pelo PT. O uso da cor e das frases escritas demonstra a cooptação do símbolo nacional por um grupo político específico, confirmando a tese de que a camiseta da seleção se tornou um objeto de disputa ideológica.

A segunda imagem apresenta um trio elétrico que promove a campanha de Bolsonaro. O veículo é predominantemente verde, com a palavra "Bolsonaro" escrita em amarelo, com o globo e a faixa da bandeira do Brasil substituindo a primeira letra "O". Em destaque no carro, há a bandeira nacional e a palavra "Brasil" escrita por cima. Ao lado, a frase "Mover Brasil", com a palavra "mover" em amarelo, novamente com o "O" sendo o globo da bandeira nacional e a palavra "Brasil" escrita em azul. O carro está decorado com balões nas cores verde e amarela e há uma multidão ao redor, também vestida majoritariamente de verde e amarelo, algumas segurando bandeiras do Brasil.

Assim como na primeira imagem, percebe-se a apropriação de elementos nacionais, como as cores da bandeira e a bandeira em si, para promover uma agenda política. O trio elétrico se transforma em uma plataforma de propaganda política que se utiliza de signos com alto valor simbólico para a população. A frase "Mover Brasil" sugere a intenção de Bolsonaro de levar o país em uma nova direção. Já a substituição do "O" em seu nome e na palavra "mover" pelo globo e a faixa da bandeira nacional é mais uma tentativa de vincular sua imagem à do país, reforçando a ideia de que sua candidatura e seu governo seriam a expressão dos interesses e valores nacionais.

Estas duas imagens ilustram de maneira clara a utilização da camiseta da seleção brasileira de futebol e das cores nacionais como um meio de comunicação de ideologias políticas. Elas reafirmam a tese de que a camiseta é um objeto cultural complexo, cujos significados e associações variam de acordo com o contexto social e político.

Figura 31: Imagem de uma pessoa com cartaz colado nas costas



Fonte: <[Estado de Minas](#)> acesso em 23/05/2023

A imagem descrita retrata um homem andando em um parque, vestindo uma camiseta da seleção brasileira de futebol com o nome "Ronaldinho" parcialmente coberto, e adesivos de um ato anti-Bolsonaro realizados em 12 de setembro de 2021, com a frase "12/09 eu vou". Além disso, nas costas, estão presas duas folhas de sulfite com a inscrição "Não me confunda com bolsominion". O indivíduo também veste um boné amarelo.

O sujeito da imagem apresenta uma reapropriação crítica da camiseta da seleção brasileira. A frase "Não me confunda com bolsominion", aliada aos adesivos de um ato anti-Bolsonaro, sugere uma resistência à associação automática entre a vestimenta e o apoio a Bolsonaro. Dessa forma, a imagem revela um conflito em torno do significado cultural da camiseta da seleção, evidenciando a multiplicidade de leituras e usos desse objeto (HALL, 2003).

Ao cobrir parcialmente o nome de "Ronaldinho", o homem pode estar buscando reiterar essa resistência, dado que a figura do jogador de futebol foi associada ao bolsonarismo quando o mesmo declarou apoio ao ex-Presidente em sua primeira eleição no Instagram, assim como outros jogadores fizeram, como o Rivaldo. Em certo sentido, a camiseta passa a ser um palco para a disputa de narrativas, um espaço onde significados são negociados, refletindo as tensões da sociedade brasileira.

A adição dos adesivos e do texto impresso transforma a camiseta em um signo complexo, onde vários signos se sobrepõem. Isso ilustra a noção de Barthes (1972) de que um signo pode se tornar um signo complexo ou "mito", quando o significado primário da camiseta (representação do time nacional de futebol) é usado como significante para um segundo significado (identificação política).

Portanto, a imagem destaca o papel da camiseta da seleção como um veículo para expressar a identidade política, seja ela alinhada ou opositora ao bolsonarismo. Além disso, evidencia o caráter polissêmico desse objeto cultural e como ele pode ser apropriado e ressignificado em diferentes contextos.

5.2.3 *Brazilcore*

O *brazilcore* é um movimento que ganhou destaque ao viralizar nas redes sociais digitais. Por meio de vídeos e tendências nessas plataformas, diversas maneiras de criar visuais, com a combinação de cores, estampas e acessórios que remetem ao Brasil, com as camisetas da seleção brasileira e as cores da bandeira foram compartilhadas. Esse fenômeno teve início quando várias fashionistas internacionais, como as modelos norte-americanas Alex Consani e Hailey Bieber, postaram fotos utilizando roupas nas cores da bandeira brasileira. A hashtag associada ao *brazilcore* possui, até junho de 2023, cerca de 150 mil publicações no Instagram e aproximadamente 543 milhões de visualizações no TikTok.

Nesta seção, serão analisadas tanto as fotos mencionadas quanto outras imagens populares compartilhadas por celebridades da internet brasileira. Ao examinar essas imagens, pode-se entender como o *brazilcore* se incorporou no mundo da moda e também como as celebridades da internet brasileira desempenharam um papel importante na popularização dessa tendência.

Figura 32 (à esquerda): Imagem da modelo Hailey Bieber

Figura 33 (à direita): Imagem da modelo Alex Consani



Fonte: Instagram acesso em 23/05/2023

As imagens apresentadas ilustram uma manifestação da estética *brazilcore* em um cenário internacional, com celebridades norte-americanas vestindo camisetas que fazem referência ao Brasil.

Na primeira imagem, Hailey Bieber, filha de mãe brasileira, é vista vestindo uma camiseta da seleção brasileira de futebol. Nesse contexto, a camiseta é desvinculada de suas conotações políticas no Brasil e assume uma nova dimensão, de expressão de uma identidade híbrida e transnacional. Bieber, com suas raízes brasileiras, apropria-se de um símbolo cultural marcante do país, ressignificando-o dentro de um ambiente fashion globalizado.

Na segunda imagem, a modelo norte-americana Alex Consani está vestindo uma camiseta com a inscrição "Brazil". O gesto da modelo pode ser lido como uma adesão à estética *brazilcore*, que se tornou uma tendência internacional em 2022. A "brasilidade", nesse contexto, é transformada em um elemento de moda, desassociado de suas implicações políticas e sociais, e transformado em um signo global de exotismo e autenticidade.

Ambas as imagens ilustram o conceito de "moda-espelho", proposto por Lipovetsky (1989), que sugere que a moda reflete as mudanças socioculturais da

sociedade. No caso da estética *brazilcore*, a moda está refletindo uma valorização e idealização da "brasiliade" em um contexto global.

Porém, é importante ressaltar que a apropriação desses símbolos nacionais por celebridades estrangeiras pode levar a uma simplificação ou fetichização do Brasil, reduzindo a complexidade e a diversidade do país a um conjunto de estereótipos exóticos e coloridos.

Figura 34 (à esquerda): Imagem da celebridade digital Arthur Freixo

Figura 35 (à direita): Imagem da celebridade digital Malu Borges



Fonte: Instagram acesso em 23/05/2023

As imagens apresentadas ilustram a adoção da estética *brazilcore* por celebridades digitais brasileiras, destacando como essa tendência se manifesta na intersecção entre moda e cultura digital.

Na primeira imagem, Arthur Freixo é visto vestindo uma blusa da seleção brasileira, uma calça azul, uma bolsa azul e um boné verde e amarelo. O traje compõe um estilo harmonioso e estilizado, caracterizado por cores vibrantes e a referência explícita ao Brasil através do uso da blusa da seleção. Freixo está, portanto, associando-se à estética *brazilcore*, que busca valorizar elementos da cultura e identidade nacional brasileira.

Na segunda imagem, Malu Borges veste uma camiseta de frio da seleção brasileira, uma bolsa amarela e uma calça jeans, enquanto posa para a foto de maneira fashion. Este print é de um vídeo de TikTok, demonstrando como a plataforma de mídia social desempenhou um papel crucial na disseminação e popularização da estética *brazilcore*. Borges, assim como Freixo, situa-se dentro dessa tendência ao incorporar a camiseta da seleção brasileira em seu estilo.

Em ambos os casos, é interessante notar que ambas celebridades digitais são brancos e de classe média, sugerindo que a estética *brazilcore*, em sua forma mainstream, pode estar sujeita a processos de branqueamento e elitização, como discutido por Bourdieu (1984) em sua análise do campo da moda. Esse processo pode levar à exclusão ou marginalização de outras expressões de "brasilidade", particularmente aquelas que emergem de comunidades marginalizadas.

Além disso, o uso da camiseta da seleção brasileira por essas celebridades, no contexto da moda e do estilo, sugere uma despolitização do objeto, o que acompanha o movimento das eleições presidenciais do Brasil de 2022, o que pode ser interpretado como um exemplo da "comodificação" da cultura, conforme descrito por Jameson (1991).

5.3 O Brasil

O Brasil é um país marcado por uma rica e complexa história, repleta de contradições e desigualdades sociais. No entanto, também é uma nação abundante em diversidade cultural e pluralidade. É natural, portanto, que o Brasil possua uma ampla gama de símbolos que refletem sua história e identidade. Esses símbolos desempenham um papel fundamental na narrativa do país, contando sua história por diferentes tipos de óticas e conectando o povo brasileiro.

Sua vasta extensão territorial, sua riqueza natural, sua cultura vibrante e sua população diversa são elementos que unem e caracterizam o país. Essa imensidão e força fazem com que haja múltiplas razões para buscar a união em torno dos símbolos nacionais e utilizá-los como elementos de coesão e identidade coletiva.

No entanto, é importante destacar que a manipulação dos símbolos nacionais para atender interesses individuais é uma prática maliciosa que pode comprometer a essência e o valor desses símbolos. A utilização oportunista dos símbolos do

Brasil, seja para fins políticos, comerciais ou de qualquer outra natureza, pode distorcer seu significado original e desvirtuar sua importância histórica e cultural.

Diante desse contexto complexo, é fundamental valorizar e preservar os símbolos nacionais, reconhecendo a sua importância como representações da identidade e do patrimônio do Brasil. Ao entender a pluralidade e o poder que possuem, é possível fortalecer os laços entre os mais diversos grupos de brasileiros e promover um senso de unidade, superando as contradições e desigualdades sociais existentes.

Ao analisar as imagens e os cenários que elas representam, é possível identificar diversas facetas da complexa realidade brasileira. O Brasil se revela, por meio dessas análises, como um país multifacetado e plural, permeado por contradições que, ao mesmo tempo, são conflituosas e se entrelaçam de maneira complexa.

A presença de vestimentas alusivas à seleção brasileira de futebol em diversas análises sugere a profunda conexão dos brasileiros com o esporte, percebido muitas vezes como um símbolo de nacionalismo e de identidade coletiva (DaMatta, 1997). No entanto, esse símbolo não é neutro e está sujeito a reinterpretações e ressignificações, como evidenciado pela inclusão do termo "Amor" na frase da bandeira brasileira em uma das imagens, que representa uma subversão crítica das ideologias dominantes, alheias às vivências e demandas da periferia.

Essa realidade revela o Brasil como um país de contrastes, onde a diversidade cultural e a desigualdade social coexistem e se entrelaçam de maneiras complexas. A estética periférica, por exemplo, emerge como um espaço de resistência e reconfiguração, onde os indivíduos se apropriam e transformam elementos culturais dominantes para afirmar suas próprias identidades e aspirações (Hall, 1997).

Ao mesmo tempo, a presença de manifestações políticas nas imagens indica a intensidade do debate público no Brasil e a participação ativa de diferentes setores da sociedade nesse debate. As referências políticas, desde campanhas de apoiadores de Bolsonaro até protestos contra seu governo, refletem a diversidade de opiniões e a polarização que caracterizam a atualidade política brasileira.

Assim, o Brasil que emerge dessas análises é um país em constante negociação entre diferentes culturas, classes, identidades e ideologias. É um país

onde as contradições são tanto conflituosas quanto interdependentes, refletindo a complexidade e a riqueza da sociedade brasileira. Isso sugere que a compreensão do Brasil requer uma perspectiva multidimensional e crítica, que leve em consideração suas múltiplas vozes e seus inúmeros contrastes.

5.4 A camiseta da seleção

Um objeto cultural, como a camiseta da seleção brasileira de futebol, carrega consigo um significado poderoso, pois encapsula e expressa uma variedade de conceitos, valores e aspirações de uma sociedade. A importância de um tal objeto reside na capacidade de materializar esses elementos intangíveis e invisíveis da cultura, tornando-os concretos e visíveis. A camiseta da seleção, por exemplo, é mais do que um simples uniforme esportivo; é um retrato palpável do Brasil, de suas lutas e esperanças, de suas tensões sociais e políticas.

A simbologia de um objeto é forjada em sua relação com o meio em que está inserido, refletindo as particularidades, contradições e mudanças da sociedade. Por exemplo, a simbologia da camiseta da seleção não é estática, mas se transforma ao longo do tempo, adaptando-se e reagindo às mudanças na sociedade brasileira. O valor imagético de um objeto, por sua vez, reside na capacidade de condensar e comunicar de maneira eficaz essas complexidades da cultura e da história de uma nação. Portanto, um artefato que serve como um espelho da sociedade, um meio de expressar e negociar identidades coletivas, um campo de batalha para disputas de poder e uma ferramenta para a construção de narrativas sobre a nação.

Ao vestir a camiseta da seleção, as pessoas incorporam não apenas a paixão pelo futebol, mas também expressam um profundo senso de identidade e pertencimento ao Brasil. Ela se torna uma representação visual de valores coletivos, aspirações, sonhos e esperanças compartilhados pelos brasileiros. Além disso, a camiseta abriga a história do país, carregando consigo a memória de conquistas, superações e desafios enfrentados ao longo dos anos.

Para as comunidades periféricas, especialmente, a camiseta da seleção brasileira assume um significado especial. Ela representa não apenas a luta e a resiliência dessas comunidades, mas também um símbolo de orgulho e autoestima diante do mundo. Ela é um reflexo do amor pela nação, do espírito de união e superação das adversidades socioeconômicas enfrentadas cotidianamente.

Essa importância da camiseta da seleção brasileira também é reforçada pelo reconhecimento internacional que o futebol brasileiro conquistou ao longo dos anos. O Brasil é mundialmente reconhecido como um país de excelência no futebol, e a camiseta da seleção se torna um símbolo dessa excelência esportiva, despertando admiração e respeito em todo o mundo.

A camiseta da seleção brasileira, portanto, desempenha um papel crucial na construção da identidade nacional e na representação simbólica do Brasil. Ela é um elemento unificador, capaz de transcender diferenças e unir o povo brasileiro em torno de um símbolo comum. Sua carga histórica, sua ligação com o futebol, seu significado para as comunidades periféricas e seu prestígio internacional a tornam um dos, senão o mais importante símbolo de brasiliade que temos.

Ao explorar todas essas nuances, é possível compreender a magnitude e a relevância da camiseta da seleção brasileira como um ícone que vai além do esporte, representando uma nação, suas histórias, sua cultura e seu povo. Sua força simbólica perdura, permanecendo como um elo poderoso que une os brasileiros em um sentimento de identidade e coletividade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo empreendeu uma análise da camiseta da seleção brasileira de futebol, objeto de intensa significação simbólica e complexa na cultura brasileira. Esse artefato, emblemático e quase sacro, possui uma vasta gama de representações que se mesclam e transbordam nas diversas esferas da sociedade brasileira.

Ao longo da pesquisa, ancorada em teóricos como Lipovetsky, Anderson e Hall, explora-se como as tensões entre a estetização do mundo e a formação de sociedades imaginadas se materializam na realidade brasileira. A camiseta da seleção emerge como um palimpsesto cultural no qual as múltiplas narrativas da nação brasileira são escritas e reescritas, desde a época da ditadura militar até os fenômenos contemporâneos do bolsonarismo e do movimento *brazilcore*.

Este estudo sublinha a contribuição da camiseta da seleção brasileira para a construção da identidade nacional brasileira. Ela funciona não apenas como um marcador de pertencimento, mas também como um veículo para a expressão de variados discursos políticos e culturais. Este objeto simbólico comunica a resistência da periferia, legitima o projeto político do bolsonarismo e articula as proposições culturais plurais do movimento *brazilcore*, agindo como um poderoso catalisador para a definição e reformulação de uma "ideia de Brasil".

Além disso, o presente trabalho acadêmico ofereceu uma nova luz sobre como os signos culturais são utilizados no processo contínuo de negociação das identidades culturais. A camiseta da seleção brasileira, carregada de simbolismo, funciona como um espaço de representação onde diferentes concepções de brasiliade são projetadas e disputadas. A camiseta torna-se, assim, um símbolo de luta onde a identidade brasileira é contestada, consolidada e transformada.

A pesquisa também reafirmou a vitalidade dos signos culturais como campos de batalha na definição da identidade nacional. A apropriação da camiseta da seleção por diferentes grupos é indicativa das constantes tensões em torno da definição do que é o Brasil e de quem é considerado verdadeiramente brasileiro. Nesse sentido, a camiseta emerge como um dos símbolos mais potentes da brasiliade, um objeto que vai além do futebol e se enraíza profundamente no imaginário cultural do país.

Envolvida nessa disputa simbólica, a camiseta da seleção brasileira de futebol transita entre diversos significados e apropriações. Na periferia, onde o futebol é mais do que um esporte, a camiseta representa um sonho de ascensão, um símbolo de resistência e identificação com a nação. Não se trata apenas do amor ao esporte, mas de um empoderamento estético e cultural que ressoa nas ruas, nos campos de várzea e nos estádios. É uma forma de expressão que fala sobre a luta diária, sobre superar as adversidades e conquistar um espaço, tão bem exemplificado nas trajetórias de muitos jogadores brasileiros que saíram da periferia para os gramados do mundo.

Já para a elite, a camiseta é frequentemente apropriada como um instrumento de manutenção de status quo, como um símbolo de uma narrativa de Brasil que os favorece e reforça seus privilégios. Eles veem na camiseta não apenas as cores da bandeira nacional, mas uma representação de um país que acreditam ser seu por direito. A seleção vitoriosa é uma metáfora para a visão que têm de si mesmos, como detentores do sucesso e do poder.

Portanto, a camiseta da seleção torna-se o terreno de uma luta simbólica pela narrativa e identidade do Brasil. Ela é usada tanto para reafirmar estruturas de poder existentes quanto para desafiar e subverter essas mesmas estruturas. E em meio a essa disputa, a camiseta da seleção continua evoluindo em seus significados, refletindo a dinâmica social e política da nação.

Por fim, este estudo defende que a identidade cultural é um processo em constante construção e transformação, corroborando as ideias de Hall. A camiseta da seleção ilustra perfeitamente essa dinâmica, com sua capacidade de ser continuamente significada e ressignificada, independentemente do sucesso da seleção brasileira no futebol mundial. Dado o seu potencial simbólico, é provável que a camiseta da seleção continue sendo um objeto de relevante interesse acadêmico e sociocultural, contribuindo significativamente para nossa compreensão das dinâmicas culturais em jogo na sociedade brasileira contemporânea.

7. REFERÊNCIAS

ALLEN, C. **A Copa é o evento mais assistido do mundo, mas nem todos se interessam pelo escândalo da Fifa.** BBC News. 4 jun. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150604_fifa_pq_importa_ca_cc. Acesso em: 19 jun. 2023.

AMORIM, A. S. **Recepção estética no futebol: Uma relação para além das partidas.** Universidade Federal da Bahia, p. 1-4, 2008.

ANDERSON. B. **Comunidades imaginadas:** Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1983.

ARAÚJO, M. de. De estigmatizadas à tendência: as camisas de futebol e o mundo da moda. **Ludopédio**, São Paulo, v. 161, n. 21, 2022

BALBI, C. **Entenda como a bandeira do Brasil virou símbolo dos apoiadores de Bolsonaro.** 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/05/entenda-como-a-bandeira-do-brasil-virou-simbolo-dos-apoiadores-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 4 set. 2022.

BARTHES, R. **Mitologias.** São Paulo: Difel, 1972.

BOURDIEU, P. **A Distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BUCCI, E. Televisão brasileira e ditadura militar: tudo a ver com o que está aí até hoje. **Rumores**, v. 10, n. 20, p. 172-193, 2016.

CAMISA amarela da seleção brasileira surgiu após trauma do Maracanazo. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/07/camisa-amarela-da-selecao-brasileira-surgiu-apos-trauma-do-maracanazo.shtml>. Acesso em: 29 ago. 2022.

CARDOZO, M. **Moda Brazilcore: confira as trends da Copa do Mundo aqui e lá fora.** 2022. Disponível em:

<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/moda-brazilcore-confira-as-trends-da-copa-do-mundo-aqui-e-la-fora,ff1d276ce4547ec565571d25393491edat60531xe.html>. Acesso em: 13 dez. 2022

CASTRO, T. **Copa de 1970 foi em cores, mas maioria tinha TV preta e branca.**

Notícias da TV. 14 jun. 2014. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/copa-na-tv/copa-de-1970-foi-em-cores-mas-maioria-tinha-tv-preta-e-branca-3722>. Acesso em: 19 jun. 2023.

CORONATO, G. **O resgate da estética brasileira e a nova tendência febre de**

2022. [S. I.], 17 ago. 2022. Disponível em: <https://stealthelook.com.br/o-resgate-da-estetica-brasileira-e-a-nova-tendencia-fебre-de-2022/>. Acesso em: 25 ago. 2022.

COSTA, I. P. et al. Estética do esporte: o caso do futebol. **Caderno de resumos - Comunicação científica**, Brasil, v.1, n.2, p. 1-1, 2015.

COUTO, A. **Branding Brasil: País que gera valor.** Rio de Janeiro: Agência Ana Couto, 2022. Disponível em: <<https://www.anacouto.com.br/brandingbrasil/>>. Acesso em: 10/10/2022.

DAMATTA, R. (1997). **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco.

DAMO, A. **Futebol e Estética.** São Paulo em Perspectiva, São Paulo - SP, v. 3, 2001.

DAMO, A. S. O futebol e suas propriedades estéticas: estilo, tempo e espaço em perspectiva antropológica. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, Pernambuco, v. 14, n. 2, p. 157-198, 2008.

FERREIRA, M. **Seis histórias sobre futebol e política na ditadura: O golpe de 64 completa 55 anos e nós selecionamos alguns fatos que mostram as ligações**

do futebol com o regime. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/03/28/seis-historias-sobre-futebol-e-politica-na-ditadura>. Acesso em: 1 set. 2022.

FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1964. 402 p. v. 29.

GIOVANAZ, D; DALLABRIDA, P. **Raízes na periferia: um raio-x da origem social dos convocados para a Copa 2018**. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/05/22/raizes-na-periferia-um-raio-x-da-origem-social-dos-convocados-para-a-copa-2018>. Acesso em: 30 ago. 2022.

GOLDBLATT, D. **Futebol Nation: The Story of Brazil Through Soccer**. 1. ed. [S. l.]: Nation Books, 2014. 290 p.

GUEDES, S. L.; DA SILVA, E. M. S. O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais. **Cuadernos de Aletheia**, v. 3, p. 73-89, 2019.]

GUIMARÃES, B. G.; AMAZARRY, I. O exercício do *soft power*: Futebol e o caso brasileiro. **InterAção**, Rio Grande do Sul, p. 143-160, 2011.

HALL, S. **A identidade na cultura pós-modernidade**. Rio de Janeiro: De Paulo Editora, 2006.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, S. (1997). **Representation: cultural representations and signifying practices**. Sage.

HOLLANDA, B. B. B de. Futebol, arte e política: a catarse e seus efeitos na representação do torcedor. **Organizações & Sociedade**, v. 16, n. 48, 2014.

Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/11011>. Acesso em: 18 jun. 2023.

JAMESON, F. **Postmodernism, or, The Cultural Logic of Late Capitalism**. Duke University Press, 1991.

KUPPER, A. O futebol brasileiro como instrumento de identidade. **Mnemosine** v. 14, n. 2, p. 219-235, 2018.

LAMOUNIER, A. A. A. 'Construção' da imagem de cidade maravilhosa: ideários de paisagens e difusões de imaginários sobre o Rio de Janeiro. **Revista Científica do Centro Universitário de Jales**, São Paulo, v. 4, 99-114, 2018.

LEVANDOSKI, A. **O que é o bolsonarismo? Um novo movimento social ou não?**. 2022. Disponível em: <https://www.politize.com.br/o-que-e-o-bolsonarismo/>. Acesso em: 31 ago. 2022.

LIPOVETSKY, G. & SERROY, J. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOPES, L. S. As interferências e interlocuções de Castelo Branco no futebol e os precedentes para a militarização do futebol brasileiro. **Cantareira**, p. 23-33, 2019.

LOPES, R. C. Popularidade do futebol no Brasil: uma análise sociológica. **REVISTA CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**, v. 2, n. 3, p. 126-144, 2018.

LOURENÇO, M. **De Anitta a Daniela Mercury, artistas anti-Bolsonaro vestem a bandeira do Brasil**. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/05/de-anitta-a-daniela-mercury-artistas-anti-bolsonaro-vestem-a-bandeira-do-brasil.shtml>. Acesso em: 30 ago. 2022.

MELANSKI, D. A reviravolta estética do Brasil: de nação emergente a pária internacional. **Significação**, São Paulo, v. 49, n. 57, p. 198-214, 2022.

MOREIRA, J. **Amarelo. A cor da pátria, da seleção... e dos apoiantes de Bolsonaro divide os progressistas do Brasil.** 2020. Disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/amarelo-a-cor-da-patria-da-selecao-e-dos-apoiantes-de-bolsonaro-divide-os-progressistas-do-brasil-12431911.html>. Acesso em: 31 ago. 2022.

OLIVEIRA, R. N.; FARIAS; W.S. Os novos sentidos da “amarelinha”: relações discursivas entre político e esportivo na camisa da seleção brasileira na copa de 2018. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 1-19, 2021.

PEREIRA, M. V. A. O Futebol como Projeto Político-Ideológico de Vargas. In.: **Revista Me Conta Essa História**, a.1, n.08, ago. 2020. ISSN 2675-3340. Disponível em: <https://www.mecontaessahistoria.com.br/post/o-futebol-como-projeto-pol%C3%ADtico-ideol%C3%B3gico-de-vargas> . Acesso em: 21 mar. 2023

PIRES, B. **Camisa da seleção, o símbolo contaminado por rixas ideológicas e as negociações dos cartolas.** 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/16/deportes/1529108134_704637.html. Acesso em: 31 ago. 2022.

RODRIGUES. N. **A pátria de chuteiras.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

SILVA, T. F. M; CAVALCANTI, R. T. O esporte como instrumento de diplomacia no cenário internacional. **RICRI**, v. 8, n.16, p. 130-145, 2021.

SANTAELLA, L. **Como eu ensino: Leitura de imagens.** São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SEBBA, J. **Amor à camisa: Como a amarelinha se tornou o maior símbolo político nacional e, após unir, ajudou a rachar o Brasil.** 2018. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/edicao/camisa-selecao>. Acesso em: 1 set. 2022.

WILKSON, A. **O resgate da amarelinha: Como membros do movimento negro, rappers e moradores da periferia tentam ressignificar a camisa da seleção.**

2022.

Disponível

em:

<https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/o-resgate-da-amarelinha/>.

Acesso em: 31 ago. 2022.